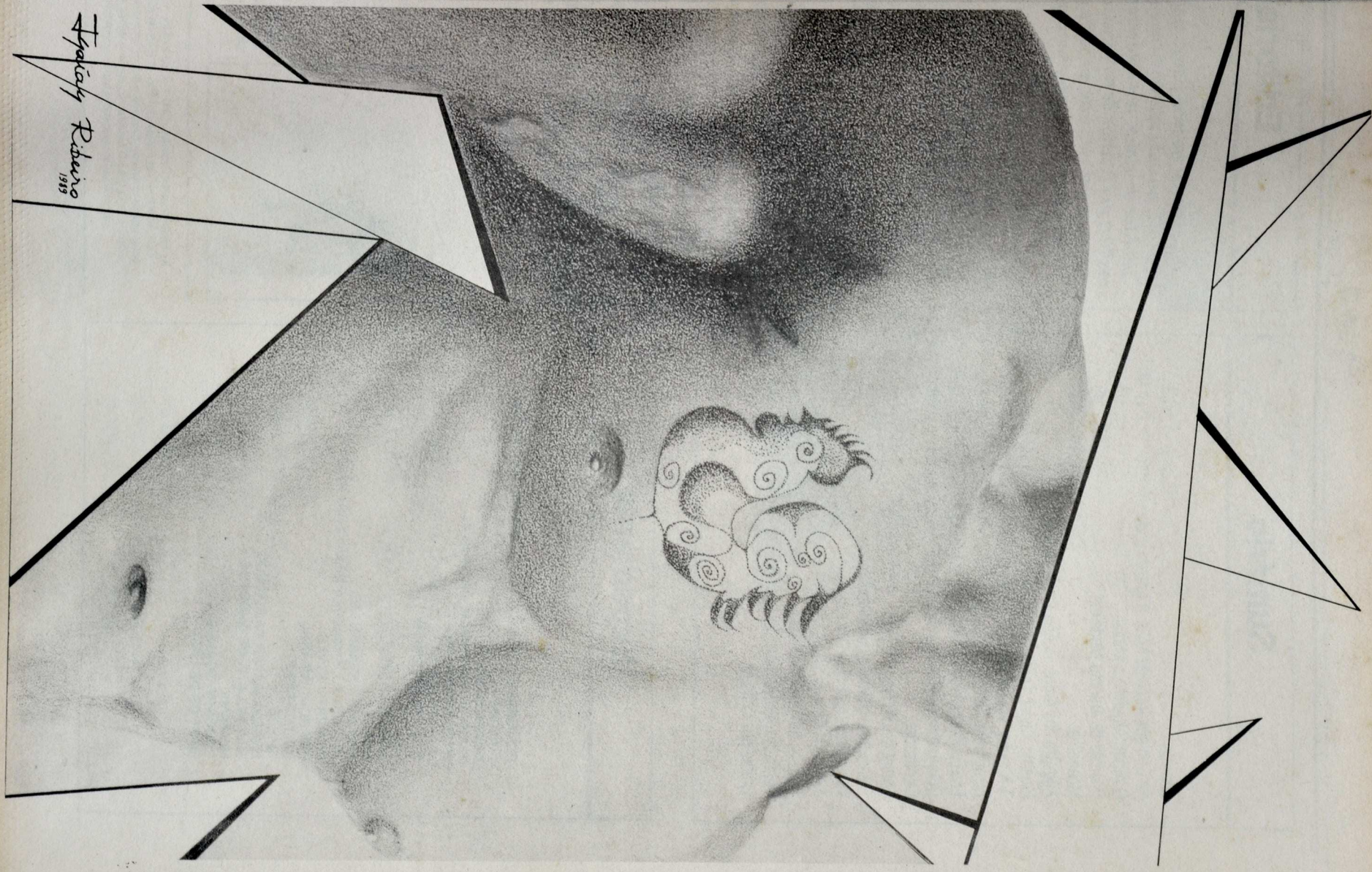
Ano II — Nº 17
Natal — Julho, 1989

O GALO

Jornal Cultural
Fundação José Augusto
Cia Editora do Rio Grande do Norte



Sumário

Gênesis	03
Na Contemplação de Kells: A Arte do Livro	04 a 06
O Amor Segundo a Mídia	07
Poemas de Antônio Medeiros	08
Meandros	09
Augusto dos Anjos: Poesia Predestinada	10 e 11
Erasmo Xavier: O Elogio do Delírio	12
A Missão: Versatilidade e Eventual Aridez	13
Lembrando Berilo Wanderley	14 e 15
Ensaio Fotográfico de Yêda Bezerra de Melo	16 e 17
Dois Temas para o Leitor Mirim	18 a 20
Confissões	21
Haicai de um Novo Tempo	22
O Cinema e a Paixão que ele provoca	23
Arte-Educação como Disciplina	24 a 27
Trinca de Sete de Seis de Oitenta e Nove	28
Cabala: A Lógica Visionária	29
Fundação José Augusto: 25 anos de História (1963-1988)	30
Cartas dos Leitores	31

Expediente

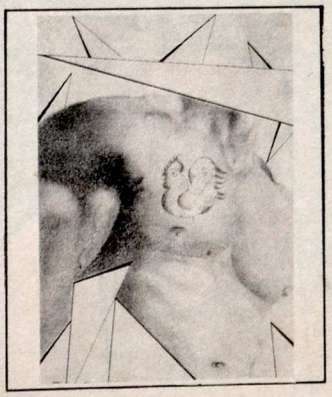
GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
Governador
GERALDO MELO
Presidente da Fundação José Augusto
WODEN MADRUGA
Diretor-Presidente da Cia. Editora do RN — CERN
WALTER MEDEIROS
Editora
MARIZE CASTRO
Redator
ANCHIETA FERNANDES
Diagramação, Programação Visual e Arte Final
GILBERTO ALVES
EMANOEL AMARAL
ERI FURTADO
Revisão
BRÍGIDA MAFRA DE MACÊDO
SILVANA A. F. DE ANDRADE
Montagem
SOCORRO SOARES
MARCOS DE LIMA

Editorial

Quando um homem parte, mal sabemos o que o aguarda, quando este homem é um poeta, um bom bebedor de vinho, um apaixonado por uma única mulher, um fazedor de crônicas, amigo de pássaros, achamos que ele virou nuvem e agora passeia pelos céus, indiferente aos homens armados de razão e apego.

Vozes ecoam dentro de nós. Pertencemos a um mundo onde as pétalas confundem-se com o zinco. Martírio e prazer manifestam-se no dia-a-dia. Mas... queremos falar de um poeta, Berilo Wanderley, que partiu há dez anos atrás em alguma nave brilhante demais para os nossos olhos de vermelhidão e ventania. Sabemos muito pouco das pessoas quando elas estão perto da gente, mesmo que elas mereçam o nosso respeito e admiração. Berilo foi muito amado, amado pelos amigos, amado por Maria Emília, sua mulher, amante, ("Berilo foi e ainda é o meu brinquedo"), falou da cidade do Natal com carinho e sutileza, a sutileza dos apaixonados. Um cronista dos dias, das cores, das dores, do amor.

Se aqui estivesse Berilo compartilharia deste trabalho feito no Galo. Este jornal feito com o carinho que habita os guerreiros. Porque somos isso: guerreiros, outros românticos que não esquecem que entre o sim e o não há o receio de se perder. Mas esse editorial era só pra dizer que Berilo Wanderley é nuvem. Ave.



Capa: **Isaías Ribeiro**. Artista plásti carioca radicado em Natal. Expôs ind vidualmente em outubro de 1988, e Natal, na Galeria Criare. A exposiçã chamava-se **Anjos do Asfalto.**

Redação: Rua da Conceição, 603 — Cidade Alta — Natal — Rio Grande do Norte — CEP 59.000 — Tel.: (084) 221-5966. A editoria de O GALO não se responsabiliza pelos artigos assinados. Eles não refletem necessariamente a opinião deste jornal. A editoria de O GALO também se reserva o direito de publicar ou não colaborações não solicitadas, bem como não se responsabiliza por sua devolução.

Cena do filme **Limite**

Gênesis

a Sanderson Negreiros

João Gualberto

Poesia é
silêncio
a consumir o tempo
fio a fio desfiado
em ruídos
ruínas de palavras

Palavra é
poema consumado
face a face com o enigma
do ser

silêncio é
vida em seu fluxo
de energia
cósmica

vida é
sonho / sonho é
homem deus

João Gualberto (RN) é poeta. Autor, entre outros, do livro **Máquina de Lavar Poemas** (edição mimeógrafo).

Na Contemplação de Kells: A Arte do Livro

Francisco Ivan

"TIPHISQUE NOVOS DETEGET ORBES"
Seneca in Medea

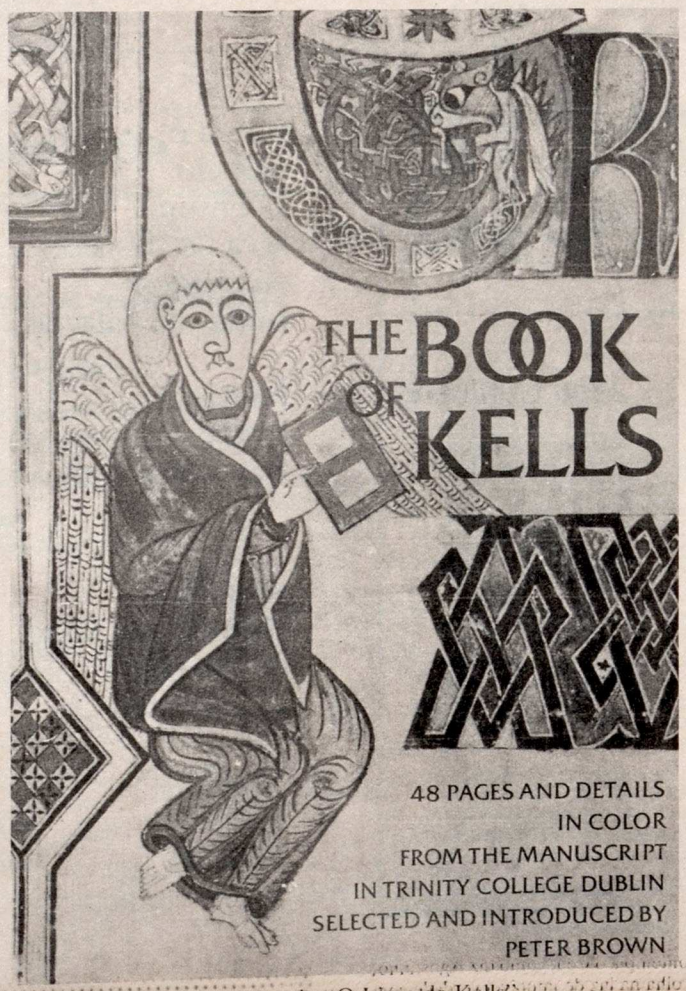
Ler/ver/estudar/meditar/contemplar e escrever sobre o famoso Livro de Kells *(The Book of Kells) no contexto da Modernidade artístico-literária do Século XX significa, antes de mais nada, regresso ao começo e ponto de partida de toda uma Arte Épica nascida na Irlanda há mil anos e que nos primeiros séculos da Idade Média vamos vê-la estampada e belamente desenvolvida nas iluminuras, por exemplo. O* Livro de Kells *é um livro famoso neste gênero. Trata-se do mais célebre manuscrito existente na Biblioteca do Trinity College Dublin. O mais suntuoso dos livros que sobrevivem desde o início da luminosa Era Medieval. Seu texto é escrito em Latim: os quatro evangelhos. Escrito/desenhado em magníficas linhas das mais belas escritas feitas na* Ilha dos santos e dos sábios, *o* Livro de Kells *é composto não apenas por "proliferantes" páginas ou pinturas da arte das iluminuras com intrigantes imagens, figuras e modelos, mas, também, por excêntrica e exuberante decoração em cores por todas as suas numerosas páginas, ficando somente uma ou duas escritas em preto/branco.*

O *Livro de Kells* não é um livro intacto. Não sobreviveu original desde a Idade Média até hoje. É um livro de tamanho grande, tanto em número quanto na largura de suas páginas, 33cmx24cm (13x9/e meio). Não é um livro feito para ser manuseado diariamente. É uma obra de arte produzida há séculos como uma fantasia chocante em sua luminosidade criativa, feita para causar admiração quando fosse exibido no altar, em ocasiões especiais da liturgia monástica, realizada pelos monges do Mosteiro de Kells. Esse mosteiro é quase lendário. As origens de kells são incertas. Mesmo com algumas que se assemelham a alguns quadros do século VIII, na Irlanda, há outros elementos que apontam para o princípio do Cristianismo e uma nação por nascer a partir de culturas muito remotas. Kells é uma mistura carnavalizada da leitura que fizeram os monges dos *quatro* evangelhos, leitura esta transcriada a partir da *Vulgata* ponto em confronto os quatro evangelhistas com o Antigo Testamento. O texto original nesta "operação tradutora" é o *Antigo Latim*, o mais *Antigo Latim*. (É uma pena que tenhamos perdido o Latim. Todos sentimos a nostalgia do latim e a literatura a sente... É uma pena que se tenha perdido essa língua universal. E todos sentimos essa nostalgia. É uma característica das literaturas. De todas. Querer voltar ao latim, esse idioma que Browning chamou idioma de mármore: *Latin, marble language).*

Cópia, compilaçao, traduçao, transcriação de fragmentos intraduzíveis, encartes, excertos, etc., tudo isto importa ao conceito de arte que aqui se formula para compreender e reatualizar o *Livro de Kells* no panorama da arte moderna e contemporânea. O *Livro de Kells* revela a arte da cópia. Só pode ser copiado. Nenhum artista imitou tão bem como aqueles monges copistas-poetas de Kells na Irlanda. Eles tiveram o poder iluminador da reprodução e previram os meios mais modernos de reprodução da arte na sociedade tecnológica. Kells se reproduz bem em nossa modernidade. Kells é a musa inspiradora de James Joyce. É a origem de seu *intraduzível* e *ilegível* Finnegans Wake. No *Ulysses,* The Book of Kells é citado artisticamente em um contexto onde a questão entre Bloom e Stephen é exatamente de base e da ordem da linguagem da literatura e do parentesco das línguas. Estamos, portanto, na origem da Irlanda, na origem da poesia joyceana: What points of contact existed between these languages and betwenn the peoples who spoke them? Lendo o episódio de Ithaca, no *Ulysses* irlandês, percebe-se o interesse de Joyce pelo retorno à origem de toda poesia. A pesquisa da poesia épica, portanto, do épico fragmentário transcrito/transcriado com a técnica poética. Poesia como cópia fragmentária do original corrompido. Corrompe-se mais ainda e isto é original em poesia. Uma pesquisa de busca à poesia no estado original de sua linguagem; pra Joyce, a origem da Irlanda: Heber and Hermon, progenitors of Ireland: their archeological, genealogical, hagiographical, exegetical, homilectic, toponomastic, historical and religious literatures comprising the works of rabbis and culdees, Torah, Talmud (Mischna and Ghemara) Massor, Pentateuch, *Book of Kells:* (grifo nosso)...

Um livro objeto. Feito de poesia concreta na solidão dos Campos da Irlanda. Livro, objeto de poesia, objetivando à poesia. Poesia concentrada na música e na pintura. Caminho do espaço no tempo e do tempo no espaço da arte. A cópia. Há livros que só podem ser copiados... Reproduzidos. E somente com a ajuda dos meios mecânicos/tecnológicos de reprodução, isto será possível, principalmente hoje, quando o colorido da Fotografia adquiriu total avanço. Refiro-me à fotografia como Iluminação/Arte ou Arte da Iluminação. E, é exatamente por isto que *O Livro de Kells* se *adapta* bem ao contexto e à expectativa da Modernidade artística deste final de século... *as to every cow belongs her calf, so to every book belongs its copy.* Uma antiga lenda irlandesa conta por que razão São Columba deixou sua terra nativa e nos mostra, incidentalmente, vivas imagens do militante homem eclésio dos primeiros anos da Irlanda. Durante uma jornada com São Finnan, em Ulster, Columba tomou emprestado seu *psalterium* e o copiou secretamente em sua igreja com a ajuda de uma luz milagrosa durante a noite. Finnan pediu uma cópia, mas Columba recusou fornecer, e o problema foi submetido ao julgamento de Diarmaid, Monarca da Irlanda, em Tara. Diarmaid com a rígida e pronta sabedoria de um novo Salomão, decidiu que a cada livro pertence sua cópia.

Mas é *O Livro de Kells* o presente objeto de contemplação dos monges-poetas do Mosteiro de Kells ou Mosteiro de Cenannus, como também era chamado, é *O Livro de Kells,* que aqui se apresenta como objeto de contemplação poética. Não digo contemplação no sentido de parar diante do objeto da visão, mas, *contemplação,* fitar além daquilo que a imagem significante me diz. Ciência e mística não se separam. Nenhuma pedra ou traço existe de Kells, mas persistente tradição descreveu a fundação desse desaparecido



Ilustrações de "O Livro de Kells"

osteiro por São Columba. Historiadores irlandeses fixaram a data de sua ndação pelo ano de 550 D. C. A histó- a de Kells e de sua Abadia desde o nço do Século IX até final do Século é uma narrativa de constantes confli- os contra estrangeiros e patriotas gressões. Kells sofreu vários ata- es...

Se o famoso *Livro de Kells* ou como e é muitas vezes chamado, o *Livro Colum Cille* foi escrito e iluminado antiga cidade de Kells é uma questão nda não resolvida... No entanto, afir- -se que esse poético manuscripto foi duzido durante o final do século oi- , período de grande labor artístico no que se refere à escrita quanto ntura medieval. Criaram-se as esco- monásticas e os scriptórios. Os mon- viajaram à procura de modelo de monástica. Os monges construin- eus mosteiros tiveram que construir bibliotecas. Viajaram para este à busca de livros. Tornaram-se des copistas. Os monges irlandeses ram para o Oriente. Lá conhece- bem a vida monástica, copiaram , aprenderam técnicas de pintura, aram rituais e, certamente, com- deram as línguas e traduziram. A falou *latim*. O *inglês* do *Ulysses* ano é encapsulado de *Irish-Latin*. o *inglês* de Shakespeare, por exemplo, teatral como se apresenta em sua fala, é um inglês latino, radicado, principalmente, nos poetas latinos: Horácio, Ovídio, Virgílio... E recordo aqui a lamentação de Borges: "É uma pena que se tenha perdido essa língua universal. E todos sentimos essa nostalgia. É uma característica das literaturas".

Medieval-Barroco-Moderno: Como pode esse livro cujo pré-texto é espiritual ser percebido por uma mente poética/literária contemporânea como obra de arte? Kells imagina até o último detalhe de uma página. A primeira folha contornada por uma ornamentada margem está dividida em duas partes, uma contendo um número de palavras hebraicas com a tradução latina, e a outra ocupada pelos símbolos dos quatro evangelhistas. Estes símbolos, que foram adotados no período inicial da História da Cristandade, são os seguintes: Homem/Anjo, representa Mateus, figurativo enfático do lado humano de Cristo; o Leão representa Marcos, ele realçou o poder e dignidade real de Cristo; o novilho, ou vítima sacrifical representa Lucas, seu Evangelho ilustra o sacerdócio do Salvador; e a Águia representa João, o Evangelhista que contempla o Céu, como diz Agostinho, e olha na luz de imutável verdade com profundo e sóbrio olhar. Aqui acaba a religião e começa a poesia. Estas alegorias, no F. W., por exemplo, aparecem relacionadas com os quatro antigos mestres da Irlanda: Matthew Gregory, Mark Lyons, Luke Tarpey e Johnny MacDougall.

O Livro de Kells é a melhor luz, o melhor sinal, o melhor *signo* para decifrar melhor as origens e a originalidade de nossa literatura, uma literatura de caráter substante e significantemente barroco. Se se quer compreender bem o excentrismo de nossa arte do Período Barroco temos que buscar suas verdadeiras fontes. Não precisamos ir muito longe; basta saber que a Idade Média Irlandesa esteve entre nós. Pelo século V, mais ou menos, por aqui passou São Brandão com sua caravana de monges à busca da Terra da Promissão. Na América do Sol já se ergue o V Império. É o Oriente do Oriente que orienta o artista-poeta do Barroco à procura da senda épica da arte medieval; afinal, o Oriente. O ponto de maior interesse dos artistas barrocos. Muitos artistas do Barroco traduziram o Oriente em suas obras através da Bíblia. "O Barroco é, no começo, a historieta, a historinha do Cristo. Quero dizer, o que conta a história de um homem. Não se choquem, foi ele mesmo que se dignou como o Filho do Homem. O que contam quatro textos ditos evangélicos, por serem não tanto boa-nova quanto bons anunciadores para sua sorte de nova".

Ainda que *pagão*, conforme o pensamento europeu, a arte da Idade Média e do Século XVII tirou do Oriente todo o seu segredo e técnica. O Oriente foi a admiração dos medievais e seiscentistas. Durante a idade Média o contacto do homem europeu com o Oriente era vital: o Cristianismo irlandês, por exemplo, seus monges fundaram seus mosteiros nos desertos da Terra Santa e Egito... aí esses monges medievais, monges-artistas, ergueram suas celas no deserto, onde eles buscavam perfeição através da oração e do jejum. Esses mosteiros construíram bibliotecas... houve a necessidade de pelo menos poucos livros para uso litúrgico, para a educação dos membros mais jovens da comunidade e para estudos daqueles monges que cultivavam o saber e a arte. *O Livro de Kells* faz parte desse saber e dessa arte. Os monges dessa *Era* escrevem, lêem e cantam o *Latim*. "É uma pena que tenhamos perdido o latim. Em versos de Quevedo, por exemplo, *Feroz, de terra, o débil muro escalas, o hipérbato latino. Quer dizer:* Feroz escalas o débil muro..."

O Barroco é a arte que fundiu tendências excêntricas: o espiritual, esotérico oriental e a tradição artístico medieval de forma muito refinada de arte e poesia. No Barroco o traço e a linha medievais não perderam a sua beleza e encantamento. Vieira dos Sermões, neste sentido da arte barroca, é o fecho

da abóbada, e a sua vocação de orador/escritor aparece como maravilhoso milagre após a *Incarnação do Verbo*. O seu assunto são as escrituras, as epopéias, as histórias dos profetas e suas visões, os relatos de aventuras sucedidas a tal mestre nas *américas* entre selvagens antropófagos... Isso aconteceu porque Vieira foi fiel à sua vocação; graças a seu sonho de orador (sacro?) a Idade Média veio a cooperar na transcriação progressiva da literatura, mesmo que velada e revelada dentro do mistério cristão. Vieira é um dos maiores oradores que o mundo literário já conheceu. Imperador da língua portuguesa: Sermão do V Império. O mítico e místico alcance desse sermão confrontando-o com a *poeticidade barroca* encontra-se no Mito da América, o Novo Mundo Paradisíaco. Iracema é a nossa primeira pecadora e a primeira dolorosa a ter o filho da dor, Moacir, nas selvas do paraíso terrestre americano. Fiel a si própria permaneceu uma criação nacional tanto quanto humana e lendária, pessoal, coletiva e familiar. Iracema encarna a marca de um país que a viu nascer e reflete fielmente conquistas e derrotas. Ela está na origem da colonização barroca como nas legendas de amor das *novelas de cavalaria*. Ela traz para a literatura as suas dimensões poéticas de beleza, ao mesmo tempo que dá à cultura o espírito humano, uma dupla herança e uma abertura para o universal.

Evento sobrenatural, fora do alcance da eclosão e ruína do progresso moderno: Do Mosteiro de Kells desapareceram até as suas ruínas, mas sua *imagem* existe num *Livro*. A *Imagem*, ainda mais excessiva que a imaginação de quem cria/copia. Mas isso não é nada. A religião é a exegese teológica como a mais extravagante forma de literatura mágica. Assiste-se a um fantástico transbordamento da Imaginação. Isso é épico. Isso é cinema. O Cinema é a mais radical arte épica da modernidade... Cinema Arte. Toda "epopéia" se estrutura em cenas/quadros fantásticos. Ao lado dessa épica a religião inspira místicas imagens alegóricas; a alegoria descobre o *Outro* numa interrelação fantasiosa. O *Outro* se vela e desvela nas roupagens da alegoria. O outro é o recalque, o que escapou naturalmente do inconsciente. A poesia está justamente aí reanimando a literatura, enquanto um corpo de linguagem que envolve todas as coisas. O processo da alegoria manifesta este gozo/gosto da fantasia que oculta o *Outro*. A alegoria parece ser assim a transcriação de um mundo desconhecido traduzido por um mundo conhecido. Esse mundo é de signos, isto é, de linguagem. A alegoria implica uma Semiótica/Crítica da Cultura. É com olhos semióticos que os artistas/poetas medievais olharam o mundo. A alegoria é sua melhor técnica de linguagem. Mesmo com sua universalidade, a alegoria foi uma técnica especialmente empregada pelos artistas da Idade Média. O Livro de Kells se origina dessa alegoria artisticamente carnavalesca, especialmente Kells com seus excêntricos e intrigantes desenhos e suas iluminadas letras. The Book of Kells é um manuscripto dos Evangelhos e estudiosos têm comparado sua transformação do texto sagrado com a transformação de Homero feita por Joyce. Tanto *Ulysses* quanto o *Livro de Kells* são *cópias* nas quais o texto original é velado com o mais alto grau de extravagâncias. Conta-se que foi ditado por um anjo aos monges de Kells...

O interesse de James Joyce pelo Livro de Kells é talvez por ser um dos mais tradicionais exemplos de arte grotesca, ou da arte do grotesco. A palavra *grotesque* que deriva de um tipo de desenho ornamental romano, primeiro descoberto no Século XV, durante a escavação das ruínas de Tito. Chamada depois *grottoes*, onde foram fundadas, as novas formas consistiam de formas animais e humanas intermisturadas com folhagem, flores e frutos em desenhos fantásticos que corrompem inteiramente o código da arte clássica. Toda a discussão da Crítica Moderna tem sido no empenho de confrontar a lógica clássica, de caráter analítico e conclusiva, e o que é condenado e considerado como "mau gosto" popular, a arte do grotesco. É difícil a distinção entre o grotesco. Contínua mudança ocorre de um tipo para outro; uma turbulência de formas. Na *estética barroca grotesque* tornou-se um termo pejorativo, mal-acabado, obscuro... No período romântico de Hegel, o *grotesque* é o Oriente com suas inexplicáveis fusões de diferentes esferas da existência, excessos e distorções com uma artificial multiplicidade de uma e mesma função, como a presença de numerosos braços e cabeças. O litúrgico/decorativo *Livro de Kells* é um livro perfeitamente concebido/escrito dentro deste conceito de arte grotesca; como as esculturas religiosas do Oriente, a antiga arte irlandesa está fecundada pelo *simbolismo semiótico* da fertilidade: ***signo gera signo.***

Queremos encontrar no *Livro de Kells* aquela sombra da luminosidade de um *Barroco Panteísta*, de uma arte dirigida por Pan, Deus da natureza. Dessa arte partilham todos os humanos, animais e demais coisas da vida. Os artistas e poetas do Século XVII viram nesta arte a intersemiose grotesca e artificiosa da paixão humana. Paixão envolve tudo. Envolve a maldade e o orgulho, as conquistas e as derrotas, o luxo e a gula, o ódio e o amor... A senda da paixão é a Incarnação do corpo. O corpo da literatura e da poesia é a palavra que se incarna na letra. Isto é alegoria. Cervantes, Rabelais, Dostoiévski, Joyce, Shakespeare estão interligados por este elo grotesco de arte. O Barroco seiscentista é artisticamente grotesco. O Aleijadinho é um típico exemplo dessa arte grotesca; suas imagens entroncadas, com as cabeças grandes para o tamanho e proporção do corpo, suas esculturas de animais têm sua referência diretamente na escultura oriental.

Na *Visão do Paraíso*, "é lícito pensar ainda que certas idéias bem precisas ou até pragmáticas, servissem de reforço à simples devoção visionária sempre aberta à possibilidade de raros portentos, feitos maravilhosos, profecias, intuições divinatórias, transes, aparições, levitações, ubiqüidades, como os que se multiplicam nas páginas desses livros, pois o que inspira muitos de seus autores, fiéis neste ponto ao espírito da era do barroco, é sobretudo o afã de despertar os ânimos, ocupando os olhos... "Neste sentido, a arte do Barroco no Brasil nada deveu às Índias. Preparamos um festim antropofágico e canonizamos José de Anchieta, *réplica americana* de São Francisco Xavier, outro basco, como bem escreve Sérgio Buarque de Holanda. Francisco Xavier é o apóstolo das Índias, Anchieta... Aí está a estória ou a história. No Barroco, a história acaba. Aqui começa a estória. Era uma vez. To be continued...

Francisco Ivan (RN) é poeta. Professor do Departamento de Letras da UFRN. Representante Regional da Associação Brasileira de Estudos Irlandeses.

O Amor Segundo a Mídia

Henrique Magalhães

Subo neste palco possuído de uma terrível contradição: venho atestar a falência da paixão num momento em que me encontro como nunca apaixonado.
Meu amor não tem fim e esta grandeza subverte todos os mecanismos da razão.

Como falar de paixão/amor se é a loucura que domina o império dos sentidos? Porque é a paixão o caminho mais próximo da loucura que se enlouquece de prazer, se diz estar louco de ódio ou de amor, ou ainda louco de raiva ou louco demais, de querer mais.

A perda da razão, ou a conquista de uma nova razão de ser, de existir, se confunde com o assalto da paixão. É impossível prever seu início, impraticável estabelecer seu fim.

Paixão e amor não se distinguem. Aos que argumentam que paixão é uma tensão irrefreável, que pode levar aos céus ou ao precipício da loucura, contra-argumento que não pode existir amor dentro da estabilidade e da paz. O amor e a paixão são uno na quebra das mais cristalinas referências. Pântano viscoso e interpenetrar dos corpos e das almas, instiga a eterna busca do compartilhar do universo do outro.

Decífra-me ou te devoro. Olhos de lince lançam a charada no desafio das almas em júbilo, dos corpos ardentes. Na impossibilidade de solução a antropofagia torna-se o caminho mais prazeroso para a iluminação.

Por seu caráter subversivo, revolucionário, amor/paixão é perseguido em vão pelas malhas da padronização. Ou a transgressão amorosa é confinada nos guetos das metrópoles ou o amor "normal" é difundido imperiosamente pelos meios de comunicação.

Falar de paixão na mídia é dissecar um morto. A mídia oficial é burra e mal intencionada. Quando se aventura a tratar de paixão embrutece, normatiza, pensando alcançar o mais diversificado público. Mal intencionada porque tenta forjar padrões. Burra porque não reconhece a especificidade de cada paixão.

O amor das novelas de televisão pausteriza a rebeldia da paixão e caminha sempre para o mesmo fim. A encenação descarada de véu e grinalda onde hereticamente se jura eterna união. Nada mais demodê. Nada mais medíocre e banal. Nem mesmo a possibilidade de outras variantes de união são possíveis, das mais formais aos pactos naturais de solidariedade e companheirismo.

O homem que amo é a prova concreta/abstrata da divindade de nosso amor. E quem há de negar que este nos é superior? A união que nos eterniza extrapola em sutilezas os melosos e autoritários beijos de novela. Em nosso caso não há bebê a bordo, roda de fogo ou paraíso. Existe a ânsia de se dar mais, de se oferecer sem limites à comunhão.

Onde se vislumbra a falência da paixão?!

A resistência armada contra o amor entristece as pessoas. Infelizes e impotentes elas se tornam facilmente manipuláveis.

Amar exige decisão, enfrentamento, risco e morte. Daí o salto para a vida. Matar o medo e a repressão que se impõe dentro de cada um, penetrar em terreno desconhecido, acompanhar a trilha do outro. Amando não se caminha só. Aprender a compartilhar os passos é mais duro que aprender a andar.

"A Noiva e o Noivo" — Litografia de Eugene Reuniere, 1925.

O medo de enxergar cega aquele que não quer ver. Foge-se da paixão como quem foge da tortura. Recolhe-se à acomodação insatisfeita e resignada como forma de não se permitir à loucura.

O apelo derradeiro grafitou-se recentemente em mensagens que retratam a agonia latente. "Don't let me down!" surgiu nos muros e classificados de jornal. Um grito de socorro aos que se sentem por baixo. Um apelo à sobre-vivência. Eco perdido na amplidão do espaço que separa as pessoas. Carta escrita à posteridade, onde, desde já, se tece a resposta no inconsciente coletivo.

Os muros já não falam mais. Emudeceram na tristeza dos que têm medo. A assepsia desta cidade é a prova patológica de sua morbidez. Não se vê loucos apaixonados pelas ruas. Só rostos indiferentes e indistinguíveis.

Os grafitis e pichações, veículos especiais para as emoções subversivas, desbotaram-se com o tempo. Não se vê um josé que se apaixona por maria nos muros desta bucólica cidade verde. "Teu sorriso é lindo!"; "Pela felicidade permanente!"; são lembranças de uma época poética e provocante onde algumas pessoas e grupos ousavam praticar a contravenção para exprimir, anônimos, suas mensagens cifradas mas inteligíveis.

Não se vê mais panfletos nem postais, rádios piratas, filmes, brochuras ou outdoors com idéias geniais. As verdades interiores já não são ditas porque já não são claras.

Henrique Magalhães (PB) é editor da revista **Marca de Fantasia**, editada na Paraíba.

CONFLAGRAÇÃO

Fragmentos —
Restos de poesias
Ruínas silábicas —
Toda a gramática decomposta.

Não há como
Ser diferente:

Tem-se
Coa idade
Ríctus
De amor e mau humor.

AUSÊNCIA

Trago comigo
Uma crença nonada.

Mônadas. Estilhaços.
Não passo de enxerto,
Não posso o que desejo.

A única certeza que me move:
Vivos são meus mortos.
Sou meus mortos.

MELANCOLIA

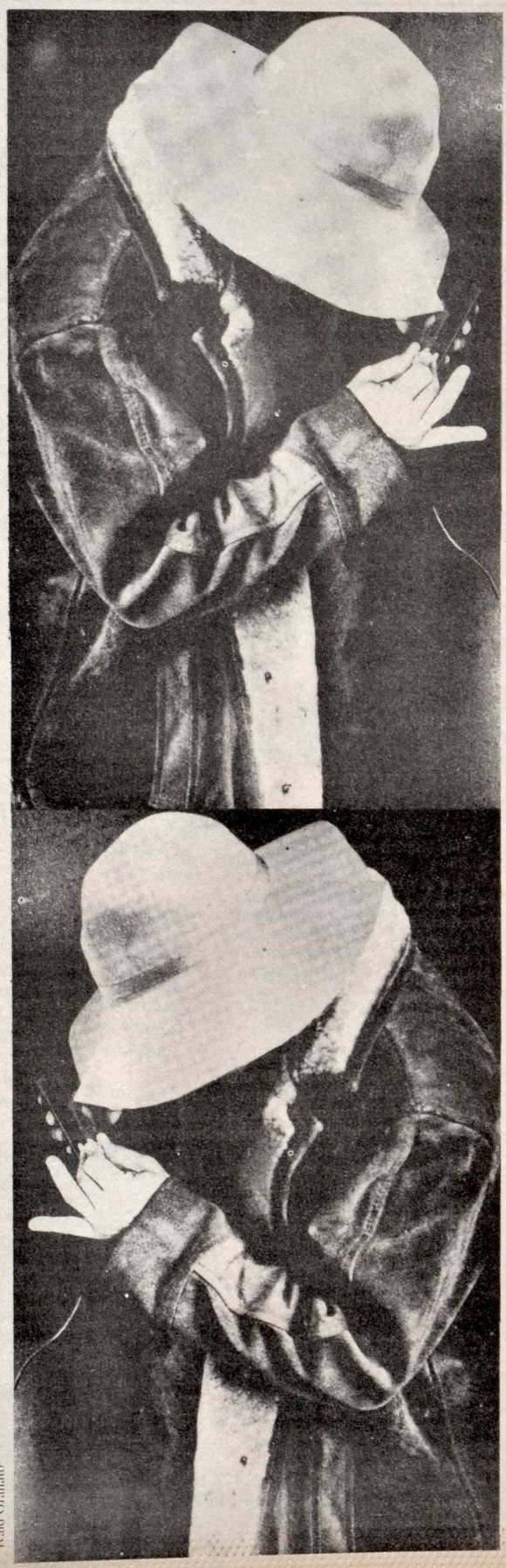
Ó ciosa idade,
Que fazes de mim?

Passa o tempo,
Protelo a vida.

Aguardo instruções.

Iago(ra)?

Antônio Medeiros



Ivald Granato

(C)ALMA

Um ar
De monstro
Que furta a face oculta.

Tudo acontece nalgum canto perdido
de mim.

Assim. Convivo.
Vejo o que a sombra
Há de mirar.

HERANÇA

Só Nobre Antonio
Eu e Anjos Augustos
Instruem que
De versos são os caminhos.

Jamais discuto. Incuto.
É que hoje sei
Separar. Se parar
Leio Fernando Pessoa.

Meu legado são palavras.

CONFISSÃO

Extático
Pouco quero.

Fatigado
Nada espero.

Anônimo
Tudo posso.

Sombrio
Sempre estou.

Quieto.
O nome das coisas, busco.

Antônio Medeiros (RN) é poeta. Não tem livro publicado.

MEANDROS

Marize Castro

Homem de olhos severos, ouça a quietude da floresta escura. Esqueça dos versos que te fiz entre árvores, penumbras e cristais. Esqueça dos nossos acordos sobre véus d'água.

Estou de luto e de luto ficarei até compreender essa morte que chega com esse verão e essa luminosidade ociosa.

Versos cítricos. Multidões ácidas. Comédia áspera. Terrível lenda a velar por nós.

Morro agora porque o ar está quente e me transporta para oásis alados. Em nossos corpos muitos desastres. Telhados de lágrimas. Encontro de cometas. Melancolia de ouro.

O meio-dia é refúgio. À meia-noite, mera fuga.

Semear madrepérolas em pleno deserto. Eis a missão de certas mulheres. Cheias de oceanos e de fé nos amantes enfermos, acalentados por uma única música, de um único acorde.

Vulcões, atalhos, meandros. Eu uma mulher pagã semeada de invernos mereci dos céus essa solidão. Maior que esse sol. Tesouro dourado. Distante. Claro demais para a negritude dos meus olhos.

Eu uma mulher de truques e trunfos escondidos. Trancafiados na alma.

Ah, as palavras. Agulha. Garça. Zênite. Fóssil. Fácil.

Falo.

Medo. Tenho muito medo. Se tens ouro, esconda-o bem. O destino nos rouba o que de mais precioso temos.

Sonho. Sonho muito. Se tens ametista, suplica. Pois as metáforas existem e não há como não enfrentá-las.

Perco. Perco todas as pedras. Se tens esmeralda, mata. Pois as vertigens têm seus caprichos e nos alimentam de desfiladeiros.

Amo. Amo muito. Mesmo que o amor seja essa droga pesada que nos arremessa pelos caminhos do tudo e do nada.

SILÊNCIO.

Arquivar o fogo.
Poupar o ar.
Mergulhar na terra.
Pousar na água.

Espanta-me ser tão casta e nua. Tão calma e enfurecida. Adjetivar-me tanto.

Espantam-me a lã, o vidro, o livro envelhecido, a assepsia do mármore.

Amedronta-me uma vida sem vinho. Atormenta-me o vinho em demasia.

Fascinam-me a sobriedade, o diamante lapidado, os abismos em seus estados lúcidos.

Paixão corrói, ergue, dilacera. Tudo é simples e nada é simples. Mudamos o texto, o palco. A dor permanece.

Marize Castro (RN) é poeta, jornalista. Autora do livro de poemas **Marrons Crepons Marfins**. Editora do jornal **O Galo**.

Flávio Américo Novaes

AUGUSTO DOS ANJOS: POESIA PREDESTINADA

por Gustavo Henrique Freire

Arquivo

Je verrai son fin sourire
de frais démon.

Edouard Dujardin

Ler Augusto dos Anjos, hoje, implica que o leitor se liberte de todos os preconceitos e rótulos que rondaram sua poesia desde que foi publicada, pois sua fortuna crítica está, em sua maior parte, composta de ensaios que tentam podar o seu destino poético transcendental. É irônico vermos sua poesia gerando tanta polêmica por não ser bem compreendida e chocar os que se travestem de sensibilidade quando tentam enquadrá-lo ora como simbolista ora como parnasiano. O interessante é que o próprio poeta em seus versos se revolta contra esta camisa-de-força historicista que por não compreendê-los se limitam a uma análise superficial de seus poemas.

As minhas roupas, quero até rompê-las!
Quero, arrancado das prisões carnais,
Viver na luz dos astros imortais,
Abraçado com todas as estrêlas!

(Queixas noturnas)

Poesia que alça vôo, pois os versos se lançam para o cosmos, para o infinito que é tudo, contendo em si todas as oposições, das quais o EU Augusto é formado.

A frieza, e até mesmo o nojo com que o seu livro de poemas foi recebido, pode ser observado no seguinte diálogo travado em uma rua do Rio de Janeiro, em que Orris Soares e Heitor Lima comentavam tristemente a morte do poeta, quando questionados por Olavo Bilac que perguntou de quem se tratava o poeta que causava tamanha tristeza o seu desaparecimento, sabendo que era Augusto dos Anjos, teceu o seguinte comentário, que encerra todo o preconceito que a poesia augusta despertava:

"Era este o poeta? Ah então fez bem em morrer. Não se perdeu grande coisa." (1)

O crítico Antônio Houaiss irá incluí-lo na categoria cientificista quando nos diz que "Augusto dos Anjos foi e será tempos em fora, incluído numa modalidade de poetas chamados, a um tempo, cientificistas e filosofantes. A asserção é válida enquanto, se compreende que, por cientificista, não se quer senão [illegible] signar quem se volte para as questõ[illegible] científicas, sem, entretanto, imbuir-[illegible] do seu método, em que o raciocín[illegible] analógico, simbólico, alógico, emoti[illegible] e afetivo deve na medida do possív[illegible] ser neutralizado ou pelo menos contr[illegible] regrado, aferido, experimentado: ne[illegible] sentido Augusto dos Anjos foi o cont[illegible] rio de um cientista; **foi repitamos u[illegible] cientificista** (Grifo meu)." (2)

O que vamos notar é que a poes[illegible] augusta choca o leitor brasileiro, d[illegible] construindo toda uma retórica filos[illegible] fica e histórica, criando em seu faz[illegible] poético uma linguagem que traz em s[illegible] interior a discussão dessa filosofia, [illegible] a sua negação.

Quando em uma leitura superfici[illegible] tende-se a enquadrá-lo como cienti[illegible] cista pela profusão de termos científic[illegible] encontrados em sua poesia. É nece[illegible] sário atentar para o fato de que est[illegible] termos fazem parte de uma tradição [illegible] época, que em uma leitura mais cuid[illegible] dosa, mais profunda, nos leva ao se[illegible] tido metamórfico das palavras em A[illegible] gusto dos Anjos e que nos conduzi[illegible] à essência de sua poesia. A maior di[illegible] culdade está em separar o significad[illegible] de sua essência poética, o que seria um[illegible] tentativa de recuperar a consciênc[illegible] primitiva, oculta, como diria Proust, s[illegible] gundo W. Benjamin, uma "memór[illegible] involutária" da poesia; se utilizando d[illegible] uma linguagem original, ou seja, aqu[illegible] la em que a palavra não é mais simple[illegible] mente representação de um símbol[illegible] (objeto) e sim a apresentação deste ob[illegible] jeto, querendo-nos levar para um plan[illegible] de consciência em que uma linguage[illegible] pura, adâmica se fará presente con[illegible] nos versos:

Rasgo dos mundos o velário e[illegible]
pesso;
[illegible] em tudo igual a Goethe, reco[illegible]
[illegible]nheço
O Império da **substância unive**[illegible]
[illegible].

(Agonia de um filósofo)

Nestes versos Augusto dos Anjo[illegible] parte do particular para o universa[illegible] existente em todo homem, uma "lí[illegible] gua" universal; é desta forma que su[illegible] poesia consegue fazer com que o leito[illegible]

transcenda a ferrugem da letra chegando a um nível mais abstrato que é o universal. Desde o começo do poema temos o verbo "consultar" com o sentido de leitura de outros textos como Ptah-Hotep, Rig-Veda, Anaximandro de Mileto, Haeckel e Goethe. Fazendo-nos crer em uma linguagem literária cenobial, já que toda criação é feita a partir do verbo: "in pricipio erat verbum erat apud Deum, et Deus erat verbum..."

O poema "Agonia de um filósofo" nos leva a pensar na preocupação augusta com a essência poética. O que Walter Benjamin denomina de idéias e coisas eu chamarei de significado e essência. O significado traz em si um outro discurso que está oculto pela ferrugem da letra, que é a essência, a alma da poesia, que precisará de um leitor atento para alcançá-la, ultrapassando a barreira do significado para chegar ao nirvana da linguagem dos Anjos:

Gozo o prazer, que os anos não carcomem,
De haver trocado a minha forma de homem
Pela imortalidade das idéias.

Percebemos, então, a preocupação do poeta para com a libertação da forma das palavras com a sua essência. Através da libertação do que ele chama "lingua paralítica" é que encontraremos a essência da poesia de EU, já que segundo o budismo o nirvana é o estado máximo que se pode alcançar através da evasão de si mesmo que implica na sabedoria; o nada que é tudo, o não ser sendo. Este seria o nirvana augusto, alcançado através da poesia, em busca da linguagem adâmica original, portanto atemporal.

Walter Benjamin coloca as idéias como gêneros estéticos que enquanto arte existe em sua essência universal, mesmo com as particularidades que formam este mundo cenobial poético; indo justamente se opor a teorias nominalistas e realistas que não desvelam o véu da palavra, classificando as obras pelo conceito pseudo universal: "Tendo acedido ao mundo das idéias, as obras passaram a ter uma interpretação objetiva, um ordenamento virtual." (3)

Benjamin nos mostra onde encontrarmos as idéias que chamo de essência: "Mais precisamente na dimensão nomeadora da linguagem, em contraste com sua dimensão significativa. É a linguagem que despertava as coisas, chamando-as por seu verdadeiro nome, e não a linguagem profana, posterior ao pecado original, que degrada um mero sistema de signos e serve apenas para a comunicação." (4) Em Augusto dos Anjos o nirvana é alcançado através da poesia, da palavra, que revelará o oriente, não o geográfico, mas sim o oriente do poeta e da poesia.

O poeta, que tinha na morte uma preocupação constante, não era bem compreendido nesse sentido, por isso o chamou Antonio Torres "o poeta da Morte", ou mesmo o que disse o crítico João Ribeiro a seu respeito, classificando-o como um doente sem esperança. Materialista, professava a filosofia do mais abstruso ateísmo." (5)

É preciso compreender bem o sentido de morte em Augusto dos Anjos, a morte para ele não era o fim de tudo, mas o ressurgimento de uma outra idéia, de uma outra coisa. É nesta idéia de morte que encontraremos a metafísica de EU, uma metafísica do sentido; seus versos transcendem o sentido histórico da palavra nos levando ao oculto, o que está por vir. No poema "Vozes da morte" veremos o poeta falando, ou melhor, fazendo poesia dessa idéia:

Agora sim! Vamos morrer, reunidos,
Tamarindo de minha desventura,
Tu, com o envelhecimento da nervura,
Eu, com o envelhecimento dos tecidos!
Ah! Esta noite é a noite dos vencidos
E a podridão, meu velho! E essa futura
Ultra-fatalidade de ossatura,
A que nos acharemos reduzidos!
Não morrerão, porém, tuas sementes
E assim, para o futuro, em diferentes
Florestas, vales, selvas, glebas, trilhos
Na multiplicidade dos teus ramos,
Pelo muito que em vida nos amamos,
Depois da morte, inda teremos filhos.

A morte dos Anjos passa a ser uma revolta contra a estagnação. A morte tem o poder de transformar o signo tornando-o dinâmico, pleno de significações; o significado não é esgotado, pois se transforma em outros. Poetando/pensando a transcendência da linguagem:

Depois da morte, inda teremos filhos...

É neste sentido de morte/transformação que vamos encontrar o discurso alegórico augusto, que nos remete ao Drama Barroco Alemão de Walter Benjamin, Uma poesia enlutada em que o Eu se fragmenta em vários num processo de desconstrução/construção poética:

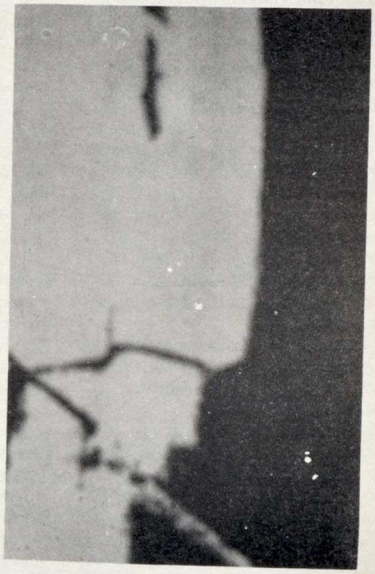
"A morte não é apenas o conteúdo da alegoria e constitui também o seu princípio estruturado. Para que um objeto se transforme em significação alegórica, ele tem de ser privado de sua vida. A harpa morre como parte orgânica do mundo humano, para que possa significar o machado. O alegorista arranca o objeto de seu contexto. Mata-o. E o obriga a significar. Esvaziado de todo brilho próprio incapaz de irradiar qualquer sentido, ele está pronto para funcionar como alegoria. Nas mãos do alegorista, a coisa se converte em algo diferente, transformando-o em chave para um saber oculto. Para construir a alegoria, o mundo tem de ser esquartejado. As ruínas e fragmentos servem para criar a alegoria." (6)

Não se pode revelar a essência da poesia augusta prendendo-se ao maniqueísmo. Cabe ao leitor de hoje ficar de olhos abertos para desvendar os véus que encobrem a poesia dos Anjos e penetrar na "substância universal" a qual seus versos nos levam, pois a essência de sua poesia está oculta, indizível:

Mas o agregado abstrato das saudades
Fique batendo nas perpétuas grades
Do último verso que eu fizer no mundo!
(Budismo moderno)

(1) ANJOS, Augusto dos. "EU (Poesias completas)". Rio de Janeiro, Livraria São José, 1963.
(2) "Augusto dos Anjos. Textos Críticos", coletânea organizada por Antonio Coutinho e Sônia Brayner. Ministério da Educação e Cultura, INL, Brasília, 1973.
(3) BENJAMIN, Walter. "A Modernidade e os Modernos". Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1975.
(4) Idem. Ibidem.
(5) "Augusto dos Anjos, Textos Críticos", coletânea organizada por Antonio Coutinho e Sônia Brayner. Ministério da Educação e Cultura, INL, Brasília, 1973.
(6) BENJAMIN, Walter. "Origem do Drama Barroco Alemão". São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984.

* Os versos citados neste artigo são da 29ª edição de "EU (poesias completas)". Rio de Janeiro, Livraria São José, 1963.



Gustavo Henrique Freire (RN) é estudante de Letras da UFRN. Este artigo faz parte de um trabalho monográfico escrito durante o Curso de Literatura Brasileira V, no primeiro semestre de 1988 sob a orientação do professor Francisco Ivan da Silva.

Arquivo

ERASMO XAVIER

O Elogio do Delírio

Antônio Marques de Carvalho Jr.

O lançamento do livro de Rejane Cardoso, "Erasmo Xavier, O Elogio do Delírio", editado pela Clima, Natal-RN, 1989, vai ficar, sem dúvida, como um dos acontecimentos culturais mais importantes do ano em transcurso.

A importância do evento pode ser avaliada não apenas pela força que teve de congregar a comunidade intelectual norte-rio-grandense, na sua quase totalidade, mas, sobretudo pelo valor intrínseco da obra publicada.

Efetivamente, o livro da jornalista Rejane Cardoso tem o mérito de resgatar para a história, a vida e a obra do mais expressivo artista plástico nascido no RN, no começo deste século, com ampla vivência artística em Natal e, mais ainda, nos grandes centros culturais do leste-sul do país.

Pode-se deduzir que o ponto de partida para recuperar a memória de Erasmo situa-se no território poético das reminiscências da infância: ainda criança Rejane ouvira falar de um tio — pelo lado materno — que faleceu em Natal, numa longa madrugada de inverno, com apenas 25 anos de idade, depois de ter conhecido, no Rio de Janeiro, o sucesso artístico como cenógrafo, chargista, cartunista, caricaturista e, sobretudo, um apaixonado pelas noites boêmias da antiga Lapa...

Mas foi só depois de concluir o curso de Jornalismo — e graças ao incentivo decisivo do seu marido, também jornalista, Vicente Serejo — que Rejane assumiu consigo mesma o compromisso de um dia passar a limpo essa história.

Infelizmente, quando começou de fato a recolher dados para a sua pesquisa, as lembranças familiares estavam quase exauridas. Impossível, pois reconstituir, a ação e o pensamento do artista prematuramente desaparecido recorrendo apenas ao testemunho de parentes e amigos. Tratou, então de recolher, aqui e ali, e álbuns, em caixas, em gavetas, fotografias de Erasmo. Apesar de desbotadas, delas soube arrancar verdades esquecidas...

Num golpe de sorte descobriu um rico acervo — de desenhos, caricaturas, retratos, em nanquim e aquarela, assinadas pelo punho do próprio Erasmo — que estavam guardados no bojo de um baú antigo, muito mais como relíquia do que como obra de arte. Santa devoção!

Movida pela firme decisão de projetar luzes novas sobre a trajetória percorrida por Erasmo, Rejane foi ainda mais longe. No Rio de Janeiro, na Biblioteca Nacional, encontrou charges de Erasmo publicadas no "Malho", que na época era a revista de humor satírico de maior circulação no país.

Em Natal, a presença de Erasmo foi detectada através das ilustrações inconfundíveis que produziu para a "Cigarra", revista local lançada nos idos de 28 sob a direção de Aderbal de França. A importância desse trabalho de cunho revolucionário (leia-se modernista) mereceu registro com comentários elogiosos de Otávio Pinto, em 1930; de Câmara Cascudo, em 1948 e de Anchieta Fernandes, em 1973.

Mas foi graças à colaboração de Otacílio Lopes Cardoso que Rejane conseguiu recuperar vários artigos assinados por Erasmo no jornal "A República". Trata-se, sem dúvida, de um material rico, indispensável para uma análise do suporte técnico de produção artística do autor. Causa surpresa, por exemplo, ao lê-los, a consciência do seu compromisso com o movimento modernista de 22 e o movimento de vanguarda internacional. Certamente causou um enorme choque cultural na província o desabafo do pacifista Erasmo — "Arte é agressão".

Proposta igualmente revolucionária foi a colagem que realizou, em 1924, quando pregou uma foto do seu rosto em um corpo de lutador de boxe desenhado a nanquim. Inegável auto-retrato, tão ousado quanto significativo. Não é preciso muita teoria psicanalítica para se concluir que o lutador (Erasmo) fadado a ser vencido (pelo físico que apresenta) sairá do ringue como vencedor (pela arte).

Além de conhecer a colagem enquanto técnica de expressão artística, Rejane constatou que Erasmo fez **happening**, em Natal, meio século antes de J. Medeiros: basta citar o concurso de "Miss Universo" que promoveu, numa noite de festa, entre um grupo de amigos...

Em seu livro, além de ajudar o leitor a percorrer todos os caminhos seguidos por Erasmo, inclusive sua afinidade intelectual com Mário de Andrade, Rejane de quebra, ainda oferece um grande painel dos principais movimentos culturais ocorridos na época, no Brasil e no exterior.

Agora, a partir dessa publicação, torna-se possível a realização de uma análise estatística da produção artística de Erasmo. Tomando-se por base obras identificadas como de sua autoria, vai ser mais fácil descobrir inúmeros outros trabalhos que ficaram, como era de costume na época — e ainda hoje — sem assinatura.

Estou firmemente convencido de que, num futuro próximo, a infatigável pesquisadora que Rejane se revelou vai surpreender a todos com a conquista de novas descobertas em torno da produção artística de Erasmo. Mas, de imediato, creio que já se pode fazer uma revisão quanto à difusão e assimilação das idéias modernistas nas artes plásticas do Rio Grande do Norte.

Até prova do contrário, Rejane Cardoso conclui que Erasmo Xavier é o primeiro semeador das propostas modernistas em sua terra: através do jornal "A República", da "Cigarra" e, finalmente de sua própria vida. Assim, por preencher lacunas e desfazer equívocos, considero a leitura desse livro obrigatória.

Antônio Marques de Carvalho Jr. (RN) é professor do Departamento de Artes da UFRN.

A MISSÃO: versatilidade e eventual aridez

Fernando Athayde em **A Missão.**

A Missão, peça de Heiner Müller, foi apresentada de 01 a 16 de julho (sextas, sábados e domingos), no Teatro do Centro de Turismo, pela Stabanada Cia. de Repertório.

Eládio Barbosa

A Missão, do teatrólogo alemão Heiner Müller: um texto denso e retórico, de difícil realização cênica, um teatro do discurso. Também: um teatro de sutilezas da expressão vocal e corporal, de explosões da palavra, de silêncios e perplexidades. Tematizando a Revolução Francesa, a peça é uma reflexão pessimista e angustiada sobre o processo revolucionário, seus caminhos e também seus descaminhos: as estratégias da sabotagem contra-revolucionária, a autofágica briga-de-foice da disputa pelo poder no "day after" revolucionário e as tentativas — tão idealistas quanto equivocadas — de exportação da revolução para nações cuja situação sócio/econômico/cultural coloca intransponíveis obstáculos a esse tipo simplista de transplante.

A Stabanada Cia. de Repertório aborda o texto com vigorosa teatralidade e um certeiro "timing"; a iluminação precisa e a bonita trilha musical reforçam a dramaticidade dessa montagem expressionista do diretor Carlos Nereu, que teve o bom senso de não optar — apesar de algumas sugestões do texto — por uma linha brechtiana de encenação, o que a tornaria pesada e enfadonha.

Ao invés disto, o espetáculo flui com desenvoltura, e a eventual aridez de certas passagens é compensada pela verve dos atores e pela grande beleza plástica da cenografia. É pena que a exigüidade do palco do Centro de Turismo de Natal restrinja um pouco a efetividade do resultado, seja por dificultar a movimentação dos atores, seja por forçar uma superposição de elementos cênicos, atenuando o impacto visual. Mas prevalece a vitalidade do Stabanada, e o espetáculo resolve-se de forma bela e forte. Destaques: a energética versatilidade de Fernando Athaíde interpretando com garra cinco personagens, o Danton de Marcos Bulhões, ao mesmo tempo operístico e realista, e uma concepção de figurinos inteligente e criativa.

Eládio Barbosa (RN) é escritor, crítico de arte, professor do Departamento de Educação da UFRN.

Lembrando

Berilo, amigo de passarinho

Luís Carlos Guimarães

Prefiro acreditar que o tempo está parado. E que o nascer, seguido do crescimento e da morte, presente em tudo na vida, demonstra que passamos pelo tempo. E por convenção nossa, humanos mortais, medimos essa passagem, hora a hora, dia após dia, acompanhando os anos no calendário. Assim prefiro acreditar que Berilo Wanderley ficou parado no tempo, desde o dia 20 de julho de 1979.

Prefiro acreditar que o seu olhar claro continua aberto à vida. Nunca que morreu, de repente, quando devia estar saindo da madrugada para encontrar na manhã um novo dia. O novo dia que arrebentou seu coração. Não acreditar que ele se foi com um gemido, com uma palavra querendo nascer da garganta. Que a voz rouca não conseguiu dar forma e que Maria Emília não conseguiu entender. Prefiro acreditar que ele, todas as manhãs, convive com os pássaros de seu jardim. Que o canário ainda pousa na sua mão para comer a ração de alpiste. Os pássaros aprisionados algum tempo no viveiro, ele solta depois, um a um, a mão de carícia demorando-se na plumagem, dizendo com aquela voz tão nossa conhecida: "Vai, amigo passarinho, vai para a liberdade do céu. Vai fazer um ninho à sombra de uma nuvem". Havia uma aura franciscana nessa intimidade com as aves de seu jardim. Certa ocasião, improvisou-se médico de passarinho, enfaixando a asa quebrada de um galo-de-campina, encontrado desamparado, o súplice olhar de socorro, ao pé de uma papoula.

Prefiro acreditar que ainda acorda, pela madrugada, para escrever a crônica diária. Relatos sobre personagens simples, de uma humanidade solidária com o seu semelhante. Pessoas difíceis de encontrar nesses anos 80. Boêmios felizes, numa cidade feliz, que entornavam uma caninha, mastigavam um tira-gosto, e partiam para uma conversa descompromissada, com o tempero do soneto e da sacanagem. Os boêmios do passado tinham mania de recitar sonetos. Muitas vezes aqueles tipos que povoavam a Natal de sua adolescência. Moças debruçadas nas janelas, cadeiras na calçada em noites de lua cheia, seresteiros insones que cantavam à luz das estrelas velhas valsas. As noites ungidas do perfume das mangueiras e pitangueiras. Nem tudo se banhava em romantismo. Sua crônica registrava, também, as cores escuras da vida, o trágico cotidiano. Mas Berilo marcava tudo que fazia com o toque pessoal de sua visão do mundo. Um sábado ensolarado foi o culpado de nosso desemprego, por alguns dias, no jornal. A manhã daquele dia resplandecia com uma luz tão maravilhosa, que era um convite irrecusável para uma total e completa fruição hedonista, nunca para o trabalho. Ao seu lado ouvi o comentário: "Um dia desses não se pode entregar ao patrão". Mais do que judiciosa, a opinião se investia do poder de uma sentença. O certo é que, naquele dia, tomamos um porre monumental. Faltamos ao expediente do jornal e na segunda-feira, seu editor, hoje presidente da FJA, nos demitiu sumariamente. Passada sua ira, voltamos ao trabalho, uma semana depois.

Arquivo de Maria Emília Wanderley

Prefiro acreditar que lê e anota os livros que enchem as estantes da sala. Os livros escolhidos com o rigor de sua sensibilidade. Ficção, poesia, ensaios, crítica literária, cinema. Empilhado num canto, outro tanto de discos de 78 rotações. A fina flor da música popular brasileira, dos anos 30 aos 50, da qual Berilo selecionava o melhor. Noel Rosa, Geraldo Pereira, Assis Valente, os que lembro agora. Aficionado do cinema, conhecia os clássicos e seus diretores, roteiristas, fotógrafos, compositores das trilhas musicais.

Era um ser humano raro, que deixava em tudo o sinal de sua presença. A todo momento manifestava sua paixão pela vida: num comentário sobre um livro que estava lendo, o disco que acabava de ouvir, o último filme que assistira. Interesse maior só no amor a Maria Emília e aos filhos Alexandre, Rômulo, Henrique e Milena. Flores, também, do seu jardim, ao lado dos pássaros e das plantas.

Durante o tempo duro do jornal, depois do expediente, passava no Bar do Nasi, no Beco da Lama, misturava conversa amena com a "meladinha" com mel de abelha. "Bom, basta. Vamos prá frente, que atrás vem gente", dizia. Fim de papo e o regresso do doce bar ao doce lar, tardinha, no começo do anoitecer. Abandonou a redação do jornal quando ingressou na Universidade, como professor. Nos últimos tempos escrevia sua coluna, em casa, batucando pela madrugada a velha Olivetti.

Um halo chapliniano nimbava seu humor e sua ironia, de tons velados. Podia lembrar tantas coisas, partilhadas na amizade que jamais sofreu descompassos, velho Berilo, que confirmassem o seu humor e a sua ironia, mas você está demorando a abrir uma garrafa de vinho, está se fazendo de rogado para colocar no toca-discos uma música de Noel. À falta da bebida e do samba do poeta de Vila Isabel, tomo emprestado de Manoel Bandeira alguns versos da Última Canção do Beco, para dizer que você permanece naquela sala, "Não como forma imperfeita/Neste mundo de aparências:/Vai ficar na eternidade/Com seus livros, com seus quadros,/Intacto, suspenso no ar.

Berilo Wanderley está parado na eternidade. Neste momento, um concriz que atende pelo nome de Maria Emília come alpiste na sua mão.

Berilo, o que partiu cedo

Grácio Barbalho

Termina o primeiro decênio a contar do dia em que, ao se despedir dos amigos, deixou Berilo aquele vazio espiritual que se continua ao longo dos anos.

Um desses amigos está aqui presente. E pode revelar o que, em conversa evocativa, sempre repete: "Berilo Wanderley está entre os três amigos que perdi e somente eles permanecem na minha lembrança".

Nossa amizade foi certamente estruturada pelo cultivo da música popular romântica, seguido daquele convívio em noites inesquecíveis, guiadas pelo som e pelo culto do bom vinho. Releio, então, duas cartas que me enviou, uma de São Paulo e a outra de Madrid.

Na primeira, discorre sobre o compositor Ataúlfo Alves, desaparecido dias antes, lembrando que eu deveria estar reunindo amigos em torno de minha discoteca para homenageá-lo. E ainda: "Você é o primeiro amigo a quem escrevo: antes, somente para a família. Vindo a São Paulo, devemos nos encontrar para um bom vinho".

Na carta enviada de Madrid, oito anos antes, já dizia: "Aqui, pelo carnaval, fiz valer um pouco de marchinhas antigas. Tudo em casa de uns franceses muito simpáticos". E finalizava: "Basta de música. Até junho próximo, quando aí aportarei, cheio de terra alheia e de céus que não são meus. Saúda-lhe do alto de um belo vinho andaluz, o amigo Berilo".

Trago a presença evocativa contida nestas duas cartas para fortalecer, no instante em que aumenta a saudade do amigo que se foi, aquilo que escrevi em sua memória. Reviva, então, os nossos primeiros encontros, a autenticidade de sua predileção pela linha melódica do passado, justamente na época em que a nossa música popular seguia novos rumos, o incentivo à minha coleção de discos, a sonoridade do violão noturno pelas madrugadas, as motivações do estilista romântico nos tópicos de sua coluna em jornal da cidade.

Que me seja permitido encerrar este esboço de singela evocação, transcrevendo as palavras finais do que lhe dediquei nas páginas daquele livro editado em louvor de sua memória: Berilo partiu cedo. Se lá encontrou alguns dos seus amigos espirituais, certamente estará dialogando com eles. Argumentará com a mesma jovialidade com que, em vida, usava ora a sátira ora a rebeldia para livrar-se do que Eça definia como a "perdacenta rotina da cidade". Enquanto de lado — Berilo tornado água-marinha — poderá fulgir ainda por muito tempo na lembrança de seus verdadeiros amigos.

Berilo Wanderley

A geração de BW

Hélio Vasconcelos

Residíamos, na época, na admirável cidade do Rio de Janeiro, que elegemos como o nosso "exílio voluntário", após o golpe de 64, quando, pelo telefone, a voz de um outro grande amigo, Ívis Bezerra, nos comunicava a morte de Berilo, o BW, como sempre o chamávamos.

De repente, ocorreu-nos a vontade de vir ao seu último encontro. Preferimos, porém, guardar a sua imagem e lembrança, enquanto vivo.

Fomos, eu, BW e tantos outros, de uma geração que procurou preencher um Natal dos anos 50 e 60, bela e generosa, todos os seus espaços — da boemia à literatura —, tomando por empréstimo a expressão de Nathanias von Sofisten, outro do mesmo tempo.

Berilo — poeta, cronista, estudante de Direito nos incentivava a todos a percorrermos os caminhos da literatura, desprezando sempre e mais os livros de Direito. O talento de BW, a sua verve, a sua prosa, transformada em crônicas em que ressaltava a beleza do cotidiano, fizeram dele um cidadão que, desde cedo, demonstrou ser um homem universal. Não dizemos isso por exagero, excesso de amizade, ou porque ele está morto, o que é muito comum acontecer. Não. É porque Berilo deixou, em todos nós, seus amigos e companheiros mais próximos, estas marcas evidentes.

Da sua vida entre nós guardamos episódios que dariam um livro, fatos que demonstram, sem dúvida, os sinais de um homem solidário, de uma grandeza humana incomparável. Assim é o nosso BW.

Guardamos, dentre muitas, algumas lembranças do Poeta que se foi e pedimos licença a Maria Emília, sua esposa e companheira para lembrarmos apenas duas: certa feita, estávamos em um aniversário de uma jovem, onde uma das convidadas, também jovem, usava um vestido com um decote muito generoso para época. Era tempo em que o General Lott estava em alta. O Poeta não deixou passar e lá mesmo fez o verso: "Juro por Cristo/Por Moisés e Lott/Que não te beijo/Além do teu decote".

Em outra festa, também de aniversário, o Poeta encantou-se por uma jovem presente, a quem dedicou um poema no seu livro "Telhado do Sonho", intitulado: "Poema Quase Desonesto Para Uma Noiva", que conclui com o verso: "Ah, queira Deus você não seja honesta".

Na Faculdade de Direito, na velha Ribeira, a presença de Berilo também foi marcante. Avesso às campanhas políticas, embora guardasse uma posição excelente sobre os assuntos políticos, sempre esteve com o nosso grupo e foi um dos fundadores do jornal "O Porrete" — "Um Jornal que Mete o Páu" — que mexeu com muita gente, agitou os corredores da Faculdade e mereceu patético apelo de um certo Diretor para que não mais circulasse.

Lembramos BW na prova oral de Direito Internacional Público, com o mestre Cascudo, quando o ponto sorteado falava sobre "Zonas Contíguas", e o Poeta, desembaraçadamente, em gestos largos, apontando para a "Zona do Meretrício", muito freqüentada naquele tempo, e parafraseando um bolero da época, dizia: "Contido em la distância", arrancando risos da assistência e a compreensão do grande Mestre.

Imaginemos, agora, se é que existe céu, o que não estarão fazendo lá em cima o nosso BW, Emilinho (Emílio Salem), Márcio Marinho, Zila Mamede e Varella Barca. No mínimo, recordando, com inovações, o que aqui fizeram e deixando o céu alegre e buliçoso e São Pedro muito preocupado.

Pássaros, à tarde

Berilo Wanderley

Alguém me chama atenção para a cantiga dos pássaros, em fim de tarde. Diz que é mais bonito do que em qualquer outra hora. Eu, por mim, acho que os pássaros de manhã cantam alegremente e que, à tarde o canto deles tem um não sei quê de nostálgico, que torna o trinado ainda mais bonito. É para se ver que até um canto triste alegra a alma da gente.

Quando aquela pessoa me falou em canto de passarinho em fim de tarde, corri o pensamento para a Rua do Catete, no Rio de Janeiro, onde há uma árvore que toda tarde se encrespa de pássaros alegres que enchem de harmonia a rua inteira. Uma vez em que passei por lá, fiquei deslumbrado e encostei-me a um muro, perto, e ali permaneci de cabeça erguida para o céu, olhos cravados na árvore e ouvidos perdidos na música. Ah, quanto me fez bem aquela árvore sonora! Há tempos não ouvia um bando de pássaros cantando à tarde. Anos atrás, quando em férias na fazenda, ao lado da casa grande havia uma árvore que, toda a tarde, à hora em que o crepúsculo vermelho tingia de vermelho os seus galhos nervosamente contorcidos, se enchia de pássaros festivos, que vinham trazer para as vizinhanças o seu canto crepuscular. E eu, menino ainda, já me encantava com aquele barulho harmonioso. Quase não lembro direito, mas acho que aquela passarada dormia toda ali. Ninguém ia incomodá-la. Durante o dia, alguns moleques armavam alçapões, com o anseio poético de ter um canto daquele dentro de casa, para cantar em suas horas de preguiça.

Muita gente, como aqueles moleques, gosta de ter cantorias de pássaros fechados em gaiola, presas às paredes do alpendre. Vejo a meia dúzia de gaiolas que há lá em casa, onde canários e pintassilgos vivem, amam e sofrem, apenas pedindo alpiste, em troco de canções bonitas.

Quando aquele alguém me falou que gosta de ouvir pássaros de tarde pensei em mandar-lhe algumas gaiolas. Dar presente de pássaros deve ser novidade, e novidade bonita, ao mesmo tempo. Seria mandar música engaiolada àquela criatura. E ela merece música solta, liricamente dispersa, como a alma dos poetas espontâneos. E assim, pretendo ensinar aos pássaros o caminho da casa dela, para soltá-los um dia. — B. W...

Crônica publicada no jornal Tribuna do Norte, na década de 50.

Arquivo de Maria Emília Wanderley

A veste para Berilo

Myriam Coeli

Mãos de lã, a Morte
a roca move
e fia fina veste
de não e cinza.
Dura o ofício
horário de infinito
para a veste que fia
noite e dia.
Não veste a veste
nem a lã aquece
o que amanhece
e ano tece,
tem vez a voz
e circunavega em circunstâncias.
Mas veste a veste
para quem os fios crescem
e se cruzam
cruzes com cruzes
na tessitura.
A Morte veste a veste
a quem seus dados mostra
quando seus dados joga.
E a medida já se faz exata.
Tão sutil a negra roca fia
o fio que juntando parte
a veste que vestindo rasga
aquele que o veste
e rasgando o limite rompe
na horizontalidade.
Fiando a veste fina
de frígida pluma
e atenta Morte
de frio veste
com mãos de lã, fios de nada
aquele que a veste assenta,
aquele que a sorte tira.
O que assim vestido fica
é infinito e lã.
Então a Morte a roca estanca
e endurece a veste
com suas mãos de lã.
E a veste a quem vestindo está
Já não é veste, mas armadura.
Nem armadura já é mordaça.
Nem mordaça. Desligamento.
Esquecimento.
Ou nada.
A veste amém
de fina lã
não e cinza,
veste o sono sem veste
que não veste o sonho
de quem assim vestido está.

O

Um

(ens

Yé
prem
(FCC

RO PRETO:

ário a Céu Aberto

gráfico de Yêda Bezerra de Mello)

Professora da Escola Panamericana de Artes de São Paulo (EPA). Foi ...ra do *Carnaval* promovido pela Fundação de Cultura Cidade do Recife ...ção com fotografias de cena da peça "O Balcão" de Jean Genet, direção ...Cadengue, no hall do teatro Santa Isabel, no mesmo ano.

Dois temas para o leitor-mirim

Anchieta Fernandes

E o leitor-mirim, qual a nossa responsabilidade cultural para com ele? Nestas páginas, trago um enfoque sobre o tema, dividido em duas partes.

I — Literatura Infantil no Rio Grande do Norte

Pouca gente sabe, ou se lembra: o nosso Governador Geraldo Melo, em seu tempo de estudante fez alguns ensaios literários. Principalmente, escreveu uma tese que defendeu num Congresso de Escritores Infanto-Juvenis, em São Paulo, e que a revista natalense "Bando" publicou em seu número 3, de outubro de 1952, discorrendo sobre "Folk-Lore,Estudo e Aplicação na Literatura Infanto-Juvenil".

Daí que, com um pedido ao nosso Governador para incentivar, via Fundação José Augusto, a criação de uma coleção que publique autores novos ou republique tudo o que de literatura infantil ou juvenil se produziu em nosso Estado — estou aqui tentando fazer um levantamento do que tem sido a produção de literatura infantil no RN.

Se, para Denis e Danúsia Barbosa (em "Literatura Infantil — Um Mito", revista "Vozes", abril/1973) é relativamente recente o fenômeno **literatura infantil,** não se encontrando "antes do século XVIII (...) um corpo significativo de estórias destinadas especificamente às crianças" — valeria tentar-se fazer este levantamento da literatura infantil que se tem produzido no RN, já que o contexto geral da literatura norte-rio-grandense data apenas de meados do século passado.

Primeiro que tudo, salta à constatação imediata duas componentes: a) é que no Rio Grande do Norte, como em toda parte do mundo, tem existido autores que usam o tema das crianças, retratam-nas e descrevem-nas em suas ações e emoções com seus próprios mergulhos à memória dos "verdes anos" (sob este aspecto, a produção norte-riograndense mais perfeita que já lemos foi o conto "Menino em Dezembro", de José Gonçalves de Medeiros) — isto não é "literatura infantil" ou "para crianças" e sim literatura "sobre crianças"; b) embora não sendo totalmente produções dos autores, é válido mencionar a transposição para obras literárias que autores norte-rio-grandenses (como outros em outras partes do Brasil e do mundo) têm feito da literatura oral e folclórica que, por vezes, é ligada à vivência infantil — que é o caso de Câmara Cascudo, nos livros "Os Melhores Contos Populares de Portugal", "Contos Tradicionais do Brasil", "Literatura Oral", "Trinta Estórias Brasileiras" (estas últimas, todas narradas através da versão da velha contadora de estórias, Luísa Freire, ou Bibi, que foi ama da casa do pai do escritor); de Veríssimo de Melo, nos ensaios que constituem o conteúdo do livro "Folclore Infantil"; de Manoel Onofre Júnior, que no livro "A Primeira Feira de José" (1973) introduz o conteúdo de outro livro seu — "Histórias do Meu Povo" (1968) —, com a segunda parte totalmente constituída de deliciosas estórias de trancoso que avós, tias, amas, empregadas e irmãs mais velhas contavam e estão na lembrança de muito homem feito hoje e que foi criança no sertão de antigamente.

Feitas estas constatações, partamos despretenciosamente para o levantamento de outras realidades da literatura infantil potiguar. É bom não esquecer que existiram jornais como o assuense "O Infantil" (1911-1912), que deve ter veiculado muita coisa do gênero. É bom também não esquecer que o escritor norte-rio-grandense Umberto Peregrino, quando foi administrador do SAPS, criou — através do referido serviço público — um prêmio de Literatura Infantil. Tudo isso mostra que nossos escritores e jornalistas não se descuidam de criar os devidos veículos de comunicação com os pequenos leitores.

Vejamos agora o que tem sido a literatura infantil de autores norte-rio-grandenses:

a) **autores adultos** — O romance "Menino de Asas" (1968), de Homero Homem, mostra que nossos homens de letras de fato têm capacidade poética de imaginar um mundo fabular que as crianças bem entendem com sua sabedoria mágica.

Uma capacidade que vem desde o começo do século, com um Henrique Castriciano escrevendo a peça de teatro infantil "A Promessa", em 1907, e sendo assim o precursor de todo o magnífico trabalho educativo de Jesiel Figueiredo, que, criando desde o fim da década 60 o Teatro Infantil Permanente em Natal, aos domingos, ele próprio escreveu peças como "Grandão e Pichote Contra Lobisomem" e adaptou "Aventuras do Pequeno Polegar", "Chapeuzinho Vermelho", "Aventuras de Peter Pan" e outras estórias tradicionais — sempre procurando valorizar na montagem o folclore nordestino.

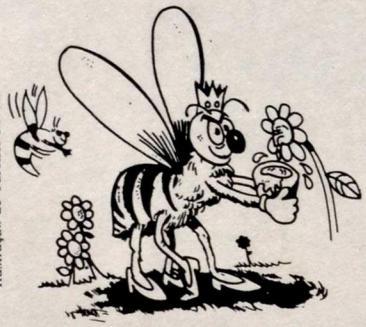


Ilustração de Tarcísio Motta

Para o mini-espectador escreveram também: Palmira Wanderley (sua opereta infantil "A Festa das Cores" foi encenada certa vez no Teatro Alberto Maranhão), Stela Wanderley ("Romance na Primavera", também opereta), Ezequiel Wanderley ("Os Cajus do Papai", diálogo em versos), Nati Cortez (algumas peças infantis com o tema da ficção científica), Enoch Domingos, Jorge Romano, além do jovem Canindé Dias, que em 1985, ao tempo que estudava no Marista integrou o Grupo de Teatro do Marista — Grutemar, escrevendo então a peça infantil "Os Escapins da Princesa", que alcançou o primeiro lugar na categoria de melhor espetáculo infantil em um Festival de Teatro Amador, em João Pessoa, PB. Aliás, também merece aqui um registro o Festival de Teatro Infantil que foi apresentado em Macaíba, em outubro de 1987.

No gênero contos, autores adultos de literatura infantil norte-rio-grandense são: Letícia Galvão, Nati Cortez, Stela Wanderley (seu livro "Sinos de Natal" é encantador, apresentando somente contos natalinos), Horácio Paiva, Francisco Alves C. Sobrinho, Padre Eimard

L'E. Monteiro. Em 1982, o SESC promoveu em Natal (promoção da Biblioteca) um concurso de conto infantil, que deu a primeira classificação a José Reginaldo Rodrigues da Silva, funcionário da Companhia Editora do Rio Grande do Norte — CERN, que participou com o conto "A Viagem dos Três Irmãos". O suplemento "A República Infantil" publicou contos de Ivanaldo Xavier. O suplemento "JN Infantil", do "Jornal de Natal", publicou contos meus e de Carolina Amaral.

Ainda no setor da prosa (principalmente da prosa didática), poderíamos citar estes títulos de livros: "Conselhos à Minha Filha", de Nísia Floresta, datado de 1842, e que foi traduzido e adotado em escolas na Itália; "Reflexões às Minhas Alunas", de Isabel Gondim, datado de 1874; "Rio Grande do Norte" (datado de 1967) e "Marcelo e Sua Escola", dois livros para escola de primeiro grau, de autoria do canguaretamense Antônio Fagundes; "Noções de História e Geografia do Rio Grande do Norte", de Rômulo Wanderley e datado de 1968; "Palestras Infantis", de Sinhazinha Wanderley (Maria Carolina Caldas Wanderley).

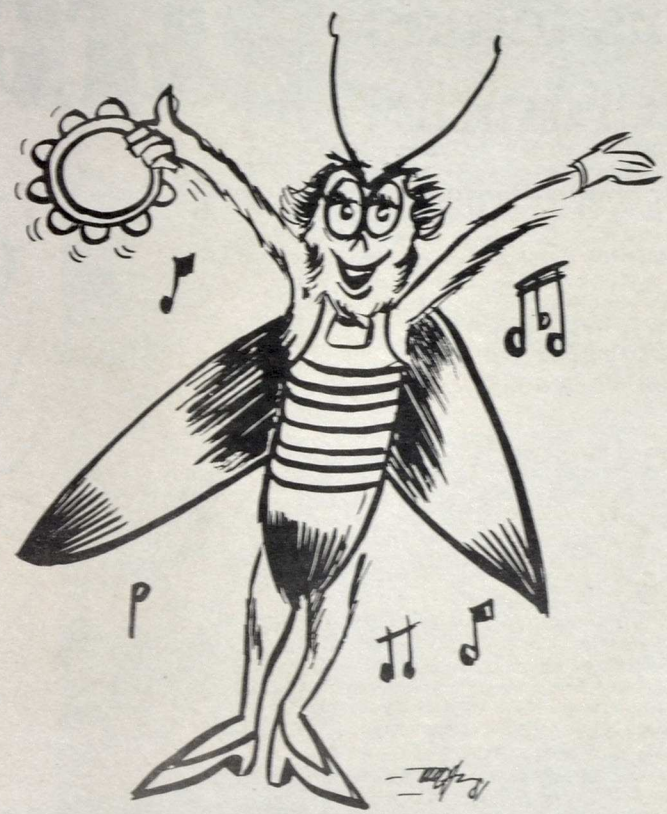
No gênero poesia, podem ser mencionados: Carolina Wanderley ("Rimário Infantil", livro de versos sobre vultos e datas da História do Brasil, e datado de 1926); Sinhazinha Wanderley, que escreveu o livro "Trovas Infantis"; e um autor de hoje, José Luiz Silva, autor da belíssima contestatária "Prece (Infantil) para 79" (publicada no jornal "O Poti" a 31/12/1978).

No começo desta década, a nossa Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na gestão do Reitor Diógenes da Cunha Lima, lançou o Projeto Memória, onde foi possível gravar uma série de discos de autores norte-rio-grandenses. O LP nº 15 foi "Canções Infantis", precioso disco onde um dos aspectos da literatura infantil — a letra da música para crianças — trouxe a beleza de verdadeiros poemas criados por Diógenes, Cândida Bezerra, Fátima de Brito, Nilza Lopes e Maria Olga Aranha. As vozes das crianças Eliana Araújo Ramos, Elka Filgueira Borges, Larissa Dantas, Renata Macedo Alves da Fonseca e Solange Carvalho de Souza deram a vestimenta adequada a exprimir o encanto criativo de "A Festa na Floresta", "O Alfabeto", "Cores em Canções", "O Trem", "Reino do Mar" etc.

b) **autores infantis** — A verdadeira literatura infantil é mais sincera quando são as próprias crianças que a produzem, com a linguagem apropriada e conceitos estéticos e morais não pré-arranjados de acordo com fórmulas e intenções adultas.

E neste particular, o Rio Grande do Norte também não é estéril. Principalmente crianças do sexo feminino, meninas norte-rio-grandenses têm se revelado escritoras.

O livro "Panorama da Poesia Norte-rio-grandense", de Rômulo Wanderley, revelou em 1965 a poesia de Zênia Maia, espécie de Minou Drouet (a poetisa revelação da França dos anos 50) nordestina, aos 8 anos de idade dizendo versos simples e ternas, como, quando,



falando sobre o avô que não conhecera, terminava o poema assim: "Meu coração já invade/De amor e gratidão". Por sua vez, Xaene Maria Fernandes Duarte, já entrando na adolescência mas preservando a imagem do sorriso mágico da infância, publicou em 1983 seu livro "Minhas Poesias".

Em dezembro de 1978, o jornal "Diário de Natal" realizou, com o patrocínio do Clube dos Diretores Lojistas e das bicicletas Caloi, um concurso para crianças escreverem contos sobre o Natal. Ganharam: Margarida Marques Araújo (9 anos), em 1º lugar com o conto "A Menina Que Virou Árvore de Natal"; Terry Lane Silva (9 anos), em 2º lugar com o conto em quadrinhos "A Ajudante de Papai Noel"; e Camila Cascudo Barreto (7 anos, neta de Câmara Cascudo), em 3º lugar com o conto "Papai Noel na Praia de Natal".

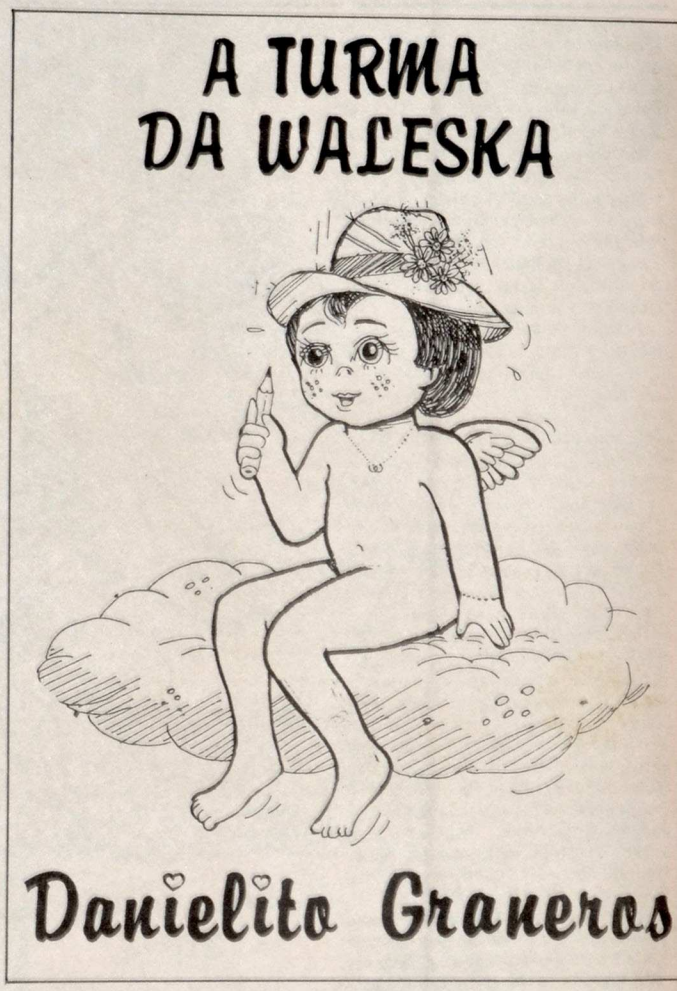
Todas as três demonstrando inegável vocação para a criatividade artística e literária. Margarida, com uma estória de onde podemos tirar ilações inclusive sociológicas, na parábola da liberdade simbolizada com a borboleta que fica presa, depois é solta e recebe o sol de presente de uma menina (Adriana) mágica e bondosa; Terry, com uma estória onde, através dos traços simples e belos da desenhista, temos um elogiável canto de defesa do trabalhador, dignificador do ser humano em seu lugar social; e Camila — que publicara outras coisas no suplemento "Contexto", do jornal "A República", como a deliciosa crônica "Vovó e Eu" ("Contexto", 25/03/1979) — nacionaliza Papai Noel, deixa-o só de calção gozando o ar bom das praias de Natal, chupando caju e manga e tomando água de coco.

O final da década 70 e a década 80 foram de revelação de novos autores infantis de literatura infantil no RN, inclusive através de novos concursos que foram lançados. Em 1979, a Subcoordenadoria de Atividades Culturais da Secretaria de Educação lançou um Concurso de Contos, o qual premiou Wellington Alves Freire, da 4ª série do Instituto Kennedy, pelo conto "As Aventuras do Capitão Sardinha"; e Ana Karenina de Figueiredo Ferreira, da 3ª série da Escola Doméstica, pelo conto "Uma Menina no Reino das Fadas".

Em 1982, a Biblioteca Pública Câmara Cascudo, na gestão de Zila Mamede como sua coordenadora, lançou conjuntamente com o Instituto Nacional do Livro o concurso de contos, que se repetiria ainda nos anos de 1983, 1984, 1985 e 1986. Sempre revelando novos escritores infantis e juvenis, confirmando o talento de outros, e possibilitando a publicação do livro "Era Uma Vez..." (Fundação José Augusto/Nossa Editora) em 1984, reunindo as produções dos premiados do primeiro e do segundo concurso, e que foram: Cibele Benevides Guedes da Fonseca, Luísa de Góes Andrade Costa, Cefas de Carvalho Silva e Ana Karenina de Figueiredo Ferreira. Daqui lançamos um convite a Woden Madruga, para fazer revitalizar este concurso de tão positivos frutos, inclusive como forma de homenagear a memória das iniciativas pioneiras de Zila Mamede.

Além do livro "Era Uma Vez...", outros livros de literatura infantil, de autoria de crianças e jovens do RN, têm sido publicados, podendo-se mencionar: "O Reino das Joaninhas", de Camila Cascudo Barreto (Achiamé, 1983); "As Aventuras de Duas Crianças no Exterior", de Gileno Wagner Câmara Freitas (Editora Universitária, 1983); "Universo das Cores", de João Ricardo Freire de Morais Machado (Fundação José Augusto, 1984) e "As Aventuras de Piquinho", de Enéias Bezerra Gouveia (ASTECAM, 1985).

Deve ser registrada também a existência de jornais natalenses feitos só para crianças, e que publicaram literatura de autores miris, podendo-se mencionar o "Jornal da Criança", editado por Carlos Alberto Morais, em 1983, e "A Criança", editado por Júnior Alves, em 1987. E os suplementos infantis dos jornais natalenses para adultos também revelaram novos autores infantis desde a década 70. No suplemento "A República Infantil", em 1979, foi revelado o talento de Ily Nunes, através de contos e poesia (ainda mais: ilustrados com desenho dela mesmo), conteúdo do livro "A Roda de Fogo Sobre as Galáxias Noturnas", que ela já preparara então com 8 anos de vida. E no suplemento "Tribuninha", do jornal "Tribuna do Norte", Bruno César Saraiva Alves da Costa compareceu com alguns contos escritos, e outros ilustrados em forma de estórias em quadrinhos. Aliás, quanto a esta forma de literatura desenhada (em quadrinhos), não faltaram também em nossa imprensa outros autores mirins. Como Cláudia Gurgel, que criou uma série de estórias em quadrinhos desde os 7 anos de vida, uma delas ("As Aventuras do Caçador Pite") sendo publicada no suplemento "Contexto", do jornal "A República", a 22/07/1979. Ou Arandi Sales, que desde muito criança publica quadrinhos na revista "Maturi".



II — Análise de Waleska nº 2.

À primeira vista, pela capa policrômica em papel **couché**, pensa-se que é uma revista de quadrinhos impressa no sul do país, por editoras de múltiplos recursos gráficos, como a Editora Abril. Mas o nº 2 da revista "A Turma da Waleska", quadrinhos e outros textos e desenhos de Danielito Graneros, foi impressa mesmo em João Pessoa, pelos Estúdios Danielito Graneros Producción Ltda.

O quadrinho danielitiano é a nova fórmula do quadrinho infantil brasileiro. As graças e situações da "Mônica" já perdera a graça. "Pererê" e "Turma do Lambe-Lambe" e outros personagens já deram o que tinham de dar, como símbolos de uma fase ultrapassada do leitor de quadrinhos infantis brasileiros. Os personagens de Danielito, pelo contrário, representam a psicologia da criança brasileira de hoje, uma criança que vê novela de televisão e está, portanto, muito por dentro das transas de amor dos seres humanos.

Poder-se-ia dizer, inclusive, que o quadrinho de Danielito Graneros é uma guerrilha ao contrário, guerrilha pelo amor, luta para acabar com as violências. Se suas lindas menininhas, embora sendo anjos (com asa, inclusive), sugerem algum charme sexual, isto não é negativo, porque, inegavelmente, um olhar atento pode notar em crianças também sensualidade. É muito positivo, aliás, que a criança também conote sensualidade, que isto é o lado suave, através da criança tirando-se a maldição com que alguns adultos envolvem via violência e sujeiras o necessário lado sexual da (con)vivência humana.

Mas, leiamos a beleza em si, ponto central do nº 2 da revista "A Turma da Waleska". Vestindo com uma linguagem gráfica moderna o enredo simples e lírico destas estórias de amor, Danielito é um pouco diferente em sua técnica, diferente do quadrinho infantil banal que circula por aí. Danielito é diferente desde o enquadramento, quadros estilizados, cantos de linhas curvas.

As diversas áreas de significação fazem o entrosamento entre o momento simbólico do texto e o movimento visual do desenho. Exemplo: à p. 22 a segunda tira que se inicia com o quadro onde as letras iniciais dos nomes dos dois personagens (Paty e Danny) formam, unidas, uma espécie de logotipo do amor infantil. Que tem grande força, a concretizar-se nos dois quadros seguintes, onde os dois personagens, o menino e a menina, tocando-se com as mãos, cada um no seu respectivo quadro, fazem com que as mãos rompam a linha de separação dos quadros, numa feliz alegoria da força da união pelo amor (aliás, a estória onde aparecem estes quadros mencionados, fortalece a lição temática do verdadeiro amor, que é o amor recíproco, triunfante, enquanto que o amor unilateral fracassa e produz lágrimas).

Arquivo

DANIELITO GRANEROS

A revista "A Turma da Waleska" nº 2 está organizada formalmente em três planos distintos: páginas de textos (artigo teórico de minha autoria na contracapa, textos publicitários dos Estúdios Danielito Graneros Producción e página com trechos de cartas das fãs do desenhista), uma parte de ilustrações soltas acompanhando pequenos textos líricos, e por fim as duas narrativas em quadrinhos. É assim uma ensaística experimental de diversas formas de comunicação.

E, a meu ver, a criatividade brilha mais é nas páginas de quadrinhos. Se nas ilustrações soltas há beleza e poesia, no entanto é num sentido de estesia contida, sem maiores lances inventivos. Nos quadrinhos, contudo, a criatividade é desencadeada irreversivelmente. Principalmente pela mobilização do signo/coração, espécie de metonímia visual, que em determinado momento substitui a palavra "amo" em uma ênfase reiterativa, frase verbo/visual repetida 6 vezes, preenchendo, ela só, todo o quadro.

Há também um efeito metalingüí tico genial. Que são os planos fina à p. 25, a frase "Há um silêncio ent nós... Tudo partiu-se" sendo ilustrad visualmente pelo ruir do próprio qu dro e seus objetos temáticos (inclusiv o personagem, que se fragmenta co todo o cenário). Nunca vi tão expre siva representação visual da solidã amorosa.

Por todos os exemplos mencionado e por muito mais, Danielito Granero é assim, não o ilustrador linear de mo mentos narrativos, e sim o suscitado de imagens poéticas, com especificida des de linguagens próprias a traduzire o universo novo de temas que a crianç contemporânea procura ler nos quadr nhos. E tenho certeza que os avanço comportamentais da criança do sécul XXI, que está chegando breve, já está previstos com inteligência no traço na narrativa de Danielito Graneros.

Anchieta Fernandes (RN) é jornalista, redator do jornal **O Galo**.

Confissões

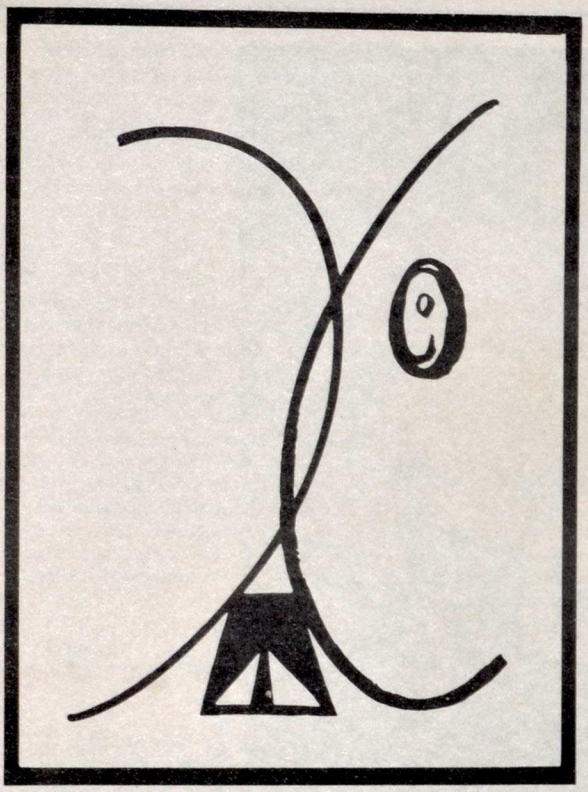
Políbio Alves

(Do livro: Aquele homem come ervas amargas).

Circo: instantâneo divertido de Christian Staub

Só isso. Instiga-me subornar emoções. Depor a tortura homicida como se fosse adestrar novos assassinos. Sim, ecologiza todas as vicissitudes: difícil jogo. Os dedos, trêmulos de abissal agonia. Brancura do papel sobre servil cilindro a inventariar insones palavras. Aliás, ninguém sabe das cartas. Sob o capacho do terraço. Por baixo da porta, até pelo corredor. Há pouco me telefonaram, voz de homem. Doutras vezes, mulher. Diverte-me essa viabilidade: trastejar ofensas & chantagens. Ninguém me ameaça, ninguém. Cassetetes de borracha, choques elétricos no escroto, suicídio químico, casos de castração, palmatória, espamo patético à margem e ao fundo da memória. Ainda resta, o tom mais exato do ridículo de nossas confissões: embriagante desespero, induzível comoção. Afora isso. é o ofício de escrever, única coisa que realmente me aviva, apesar de atribuírem a prática de recrutar mãos de antigos cadáveres por mim assassinados. Não por hobby. Ou amor aos **"CAVALEIROS BARROCOS GUARDAM A CIDADE"**. Eles incomodam. Satânicos fantasmas das noites de insônias, cujo fulgor imoral, trapaceia libertinas paixões. Um dia, prostrado diante da imóvel folha de papel, aflorei pequenos exercícios: alegoria insuflada de pusilânimes cobaias. Dúbia estória/história. Olho blindado de espanto na manhã seguinte: bolas de gude? Ou órbitas de aço? Geléia de sangue & medo — au petit-déjeuner —, tão consistente como se alhures arrogassem imensuráveis pompas fúnebres. Lembro-me. Lavei com detergente, o local onde o meu amigo costumava dormir. Naturalmente, no trespassado labirinto de olhos circulantes, Veludo meu cão, ultima-va-se na saga de ativas lavras. Ao leste de Tambaú, Woodostockmanaíra, Braúlio Tavares transfunde a alquimia das mutações: reponta sul maravilha. Soy loco por ti Bayeux. Sob a linha do trópico de Capricórnio, aquém do vino, da cólera, "Let Play That" desvela Torquato Neto. Deixe-me contar: serrei, com o devido cuidado, as cortinas de cetim brocado. Abri o bico de gás. Águas claras, apodrecidas do Rio Sanhauá esperando fil noir "piéce-de-resistence", de Jean-Luc Godard. Oxida-se o super 8, bendito Jomard Muniz de Britto & Jurandy Moura. Constata, túrgida deidade. Mãos ásperas, mapeiam reposto tédio, olhos de fogo arvoram-se, mergulhados em difusas sombras; boca maldita rasga ácidos frutos, brota veneno de cobra. Sobrevivem ainda, solitude coração, onde alojam-se carentes renúncias — uma máquina de escrever reverdecida, quando funciona, espouca granadas em maior quantidade de que as lançadas contra os Vietnamitas. Explico. Visitei o Vietnã. Sei dos corpos moídos de pancadas, escangalhados das cabeças à beira das estradas em El Salvador e na Guatemala; das algemas sangrando meus pulsos; dos agiotas a sungar esse minguado salário, afora o fuzil sob as têmporas ardendo de febre; do projétil acima do joelho direito; da úlcera que me consome o corpo. Pois é. "Assim como Caetano: por que não, Carlos Aranha? Pra conviver com essa inflação, galopante índice de desemprego — dá pra ser feliz. Antônio Torres, Edilberto Coutinho, Stella Leonardos, Gemy Cândido, Nelly Novaes Coelho, Sérgio de Castro Pinto, Elizabeth Marinheiro, Ricardo Anísio, João Trindade, Marcos Accioly, Henrique L. Alves, César Leal, Nelida Piñon, Décio Drumond, Antônio Barreto Neto, José Silvério Trevisan, Jorge Amado, Jomard Muniz de Britto e Socorro Trindad, gostam dos meus contos. Hoje, meu jardineiro se convenceu: preservo estranhos hábitos. Cultivo ervas no quintal, quando ingeridas causam vômitos, dores de cabeça, alucinações e sangramento na flora intestinal. Baixo e gordo, o vizinho do lado esquerdo. Desperto com acessos de risos, expugnando-se, logo em seguida, aos gritos. Ele trabalha na cozinha do manicômio da cidade. Presenteia-me com enlatados, requeijão e pedaços de carne congelada. Vai criar porcos e galinhas num terreno baldio, próximo ao lixão do Róger, ao se aposentar. Conheci o Boulevard Saint Daniel, Paris, em companhia de Sartre, Camus, Jean Genet, Pedro Santos, Raimundo Nonato Batista, Henry Müller, Hemingway e Cortázer. Fascina-me reconstruir história/estória, alheias: Victorian houses, very bar New Babylon e a velha haigth-ashbury free medical clinic — inegável South America — "the way he makes me feel". Desfeito sob medida, o sorriso a La Anayde Beiriz, trapaceio seduções além do agônico olhar dos anos 30. Esmurro, portas e umbrais do Varadouro, de contente. Aceito convite do Kremlin para visitar a União Soviética. "The Times" realiza uma série de entrevistas com **"O QUE RESTA DOS MORTOS"**, meu livro de estréia. "Tudo es la miesma cosa, na província guarani, señor Pinochet". Thank you, very much, Gilberto Freire, ao lembrar Casa Grande e Senzala. Os comentaristas políticos fazem prognósticos a respeito de nomes para compor os altos escalões do governo. Adeus, sossego. Não é que apareceram novos amigos. E minha família concentra-se em torno do aparelho de tevê, aguardando com vivo interesse o desenrolar dos acontecimentos. Principalmente, a homologação do meu nome para Secretário de Cultura do Estado. Greta Garbo comeu pirão-de-caranguejo, bebeu vinho Celeste lá em casa, ontem. Estive com Pelé no Cosmos, quando do meu exílio em Nova York, cumprimentei-o, mas ele simplesmente, riu. Espantou-se. É que, do bolso desse surrado casaco de peles, despregava-se minúsculo adereço nacional. Os búzios confirmam: Auto Esporte será campeão. Tenho folga, duas por mês. No final de semana, vou a **Imaculada,** em Bayeux e volto a me surpreender. Percebo, de certa maneira que este universo, completamente diferente de Manaíra, onde moro, agrega em sua atmosfera, íntimas cumplicidades, cujas amabilidades me desarmam. Enfim, arrasto-me ad-infinitum aos devaneios do leitor: escrevo, trabalho com a palavra. Escrevendo, simulo desnudas mentiras, confesso, cítricas memórias e constrangedoras ambições.

Políbio Alves (PB) é escritor. Autor, entre outros, do livro **Varadouro.**



José Alcides Pinto

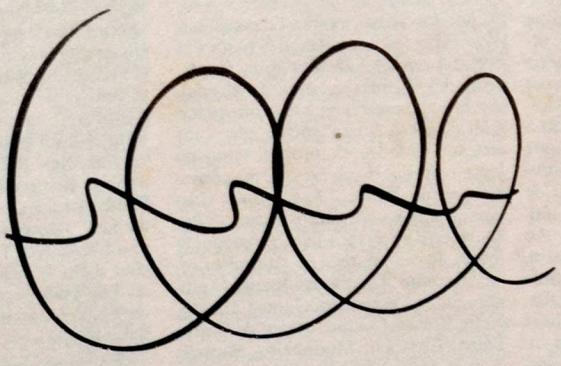
HAICAI DE UM NOVO TEMPO

À memória de Zila Mamede

Tempo tridimensional: rosa e espelho
(arquétipo)
unido a ti perdi todos os caminhos.

Sob o rugido das gaivotas marinhas
no mar me afogarei:
do que fui e serei sou só lembrança
TUAS MÁGOAS SÃO MINHAS.

José Alcides Pinto



José Alcides Pinto

José Alcides Pinto (CE) é poeta. Autor dos livros **Nascimento de Brasília (poemas)** e **Senhora Maria Herminia (Contos).**

Arquivo

O CINEMA E A PAIXÃO QUE ELE PROVOCA

Carito

Certa vez li um artigo. Um artigo sobre a fuga das pessoas. As pessoas caminhavam para dentro do aparelho de televisão. Uma tímida moça satisfazia seu louco desejo de se apaixonar e ser correspondida, através do ato realizado pelo ator e atriz preferidos durante uma certa novela.

Cinema, agora venho a falar sobre cinema. Vejo um monte de pessoas caminhando rapidamente como num filme mudo. E preto. E branco. As pessoas entram na fila, compram entradas. Os carros antigos passam. E há um piano ao fundo em sincronia com o movimento dessas pessoas.

Agora já escuto uma outra música. É uma música romântica. E como é linda! Quantos casais me vem a mente! Lindas damas. Lindas! Lauren Bacall, Nastassia Kinski, Emmanuelle Seigner, Linda Florentino. E eu já me encontro apaixonado por elas, por uma. Agora por outra. Por todas elas. Todas.

O que faria os atores de uma novela de televisão serem menos merecedores de minha paixão? Porque a televisão, claro, também é uma grande arte. Uma legítima representante da contemporaneidade. Seriam então os roteiros e a câmera dos filmes a que assisto? Ou aquelas pessoas em preto e branco caminhando em rápidos movimentos à porta do cine iluminado pelos letreiros luminosos?

Encontro-me confuso, transferindo ações para personagens tão quanto a moça tímida do artigo que agora nem mais sei se realmente li.

Na realidade do lúdico mundo ilusório, sou um daqueles personagens em preto e branco caminhando tão rapidamente quanto o que agora escrevo, iluminado pelo neon, num refúgio único de uma sala de projeção perfeita para fazer amor.

E continuarei amando Laurens, Nastassias, Emmanuelles e Lindas. Sim! Todas lindas e tão imensas sobre mim.

Todavia posso pensar diferente. Não obrigatoriamente diferente. Mas algo assim... Vejamos.

Posso pensar em sair do cine com a sensibilidade estimulada. Com as mãos nos bolsos. Catando moedas para um trago no próximo café. Catando moedas e paixões. Posso atravessar o semáforo e olhar diferente para as pessoas. Pois eu estou muito mais bonito. Bonito porque acabei de assistir a uma boa película. E já não preciso encontrar necessariamente Laurens, Nastassias, Emmanuelles e Lindas, ou fazer comparações. Embora, como já disse antes, nunca deixe de amá-las. O cinema é a cidade imersa nesse vice-versa e eu vivo dentro dessa... Cinema como arte de compreender o mundo. De sentí-lo melhor como poesia.

Carito
Madrid. 88/89

Carito (RN) é músico, arquiteto, vocalista do conjunto de rock Modus Vivendi.

Os Congressos Anuais da National Art Education Association são os termômetros das tendências dominantes da Arte-Educação nos Estados Unidos. Há dez anos atrás, o Congresso de San Francisco (1979), apontava para duas preocupações dominantes: a interdisciplinaridade das artes e a necessidade de convencer os outros especialistas educacionais, de que Arte deveria constituir o 4º **R** da Educação Básica Americana dominada naquele momento pela propaganda excludente dos 3 Rs, isto é, pela idéia de que a educação deveria se concentrar apenas no "writing", "reading" and "aritmetics". Da até para traduzir o mote para o português e também entre nós, apelar para a ênfase nos 3 Rs ler, escrever e contar que é o que parecem estar fazendo alguns educadores que querem através da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que já está sendo planejada, retirar a Arte do curriculum da escola de 1º e 2º graus.

Cabe a nós fazer o que fizeram os americanos da década de 70 e demonstrar que um 4º R o da Arte é imprescindível na educação se quisermos uma geração de seres pensantes.

ARTE-EDUCAÇÃO COMO DISCIPLINA

Ana Mae Tavares Bastos Barbosa

Já no Congresso de 86 em New Orleans o debate sobre a importância da Arte na Educação estava superado pelo crescente espaço que a Arte vem conquistando nos currículos escolares de todos os Estados na década de 80.

Por outro lado, a interdisciplinaridade era apenas lembrança nostálgica pois a National Art Education Association se definiu de uma vez como uma associação para as artes visuais.

O grande personagem daquele Congresso, foi a alfabetização visual. O trabalho sobre visual scaning escrito por Broudy em 81[1], era a grande vedete do Congresso citado na maioria das comunicações apresentadas. Parecia que todo os Estados Unidos estavam voltados para necessidade da leitura da obra de arte sacudidos pelo recente engajamento da Getty Foundation na luta para dar à Arte na escola um status de disciplina a ser ensinada, de matéria curricular **beyond creating**[2].

A análise visual proposta por Broudy e magnificamente operacionalizada por ele, era na maioria das comunicações, reduzida a um mero questionário sobre característica de cor, forma, linhas e textura de uma obra, além de uma listagem de propriedades expressivas para que o aluno verificasse quais as aplicáveis a obra, como por exemplo:

esquisita	séria
obscura	exaltada
energética	cansada
poderosa	quieta
feliz	triste
tensa	misteriosa
majestática	alarmante
alegre, etc.	

Em 1989, o Congresso da NAEA dos Estados Unidos em Washington foi o maior de todos os tempos com 3.600 participantes.

Não foi possível organizar nenhuma palestra para todos os participantes em conjunto. Havia sempre, pelo menos 15 seções simultâneas mesmo quando as palestras principais chamadas superseções ou seções gerais estavam tendo lugar.

A preocupação com a alfabetização visual não foi este ano tão explícita. Estava sim subjacente ao tema dominante que foi o D. B. A. E., isto é, a metodologia com a qual a Getty Foudation vem dominando o ensino da arte nos Estados Unidos nas Universidades e escolas primárias e secundárias.

Trata-se da introdução dos estudos de Estética, Crítica de Arte e História da Arte ao lado da produção artística. Para a Getty Foundation a epistemologia da arte não se configura somente pelo fazer artístico. Segundo eles, é necessário também refletir, exercitar o julgamento, comparar, analisar, interpretar imagens, para conhecer arte além de ser imprescindível entender o lugar da arte no tempo e na cultura.

A DBAE ou Disciplined-Based Art Education foi o assunto de mais de metade das comunicações nas diversas seções, tais como: educação em museus, escola elementar, middle/junior, secundária, superior, conceitos teóricos, supervisão e administração, população especial, life long aprendizagem, assuntos internacionais, seminário de pesquisa e seção de professores aposentados.

Um grupo fenomenologista investiu bravamente contra o sanduíche educa-

...nal que a Getty vem servindo aos ...-educadores dos Estados Unidos ...os quais tem dispendido uma verba ...me. Defendiam eles a prioridade ...fazer artístico e reclamavam contra ...diminuição do tempo para fazer arte ...escolas, que agora dedicam as horas ...Arte, quase exclusivamente, para a ...sória da Arte, a Crítica e a Estética.

Mas os organizadores do Congresso ...ece que deliberadamente possibili...am uma defesa do DBAE na escolha ...s conferências principais, que eram ...estacadas visualmente no programa e ...adas em local que cabia pelo me...s metade dos participantes.

A primeira destas palestras, foi de ...ner Eisner o articulador dos projetos ...Getty. Há muito tempo não o ouvia ...ar tão inteligentemente. Mostrou a ...portância do atelier, do fazer arte, ...rodução artística para o conheci...nto da arte e da imagem.

Destacando o trabalho de atelier, um ...componentes da DBAE chegou ...mo a mostrar sua importância na ...endizagem e operacionalização dos ...os componentes, isto é, da História ...Arte, da Estética e da Crítica de ...e.

Terminou com a afirmação muito ...ginal e lúcida de que somente o fazer ...stico possibilita a edição das ima...es, um processo de pensamento vi...al indispensável ao enriquecimento ...própria imaginação.

Os outros conferencistas proporcio...am excelentes leituras de obras de ...e, uma artimanha dos organizadores ...a mostrar que o objetivo da DBAE ...é apenas formular perguntas sobre ...adros e esculturas, mas fazer o obser...dor chegar a leituras tão ricas e des...cadoras como as de Warren Rob...s, diretor emérito da Smithsonian's ...ional Museum of African Art e de ...Carter Brown — diretor da National ...lery of Art in Washington.

O primeiro fez uma leitura das in...ências da arte africana no modernis...o através de Picasso, Derrain, Klee, ...ulages, J. Davis, Leger, Braque, Ma...se e Vlaminck. As demonstrações ...mparativas através de slides, foram ...preendentes mas convincentes espe...lmente porque as evidências de simi...idade, entre estes modernos, e obras ...africanos, eram demonstradas e de...idas por argumentos que revela...m um analista visual exímio.

...á a palestra de J. Carter Brown dei...u a platéia delirante. Ele simples...nte foi mostrando slides de obras es...ualmente da National Gallery e ana...ando-as. No caso de Leonardo cha...u a atenção para a emoção do olhar ...5 diferentes obras do autor. Traçou ...entivas comparações como entre o ...mo das pinturas perfomances de Po...ck e das telas cenográficas de Grune...ld e entre a técnica e a cor do impres...nismo e as têmperas de Fra Ange...

Ousou muito e foi contidamente pre...so ao analisar o retrato de Napoleão ...r David do ponto de vista da propa...da subliminar através da imagem.

Em seguida aos historiadores, fala...m nos dias subseqüentes, os críticos ...erte Milton Esterow, diretor de **Art ...ws** e Paul Goldberger do **The New**

York Times e também um filósofo da Arte, Charles Leonhard.

A última das seções gerais estava reservada para Chuck Close o provocador artista americano. Assim as grandes seções estariam explicitando todos os aspectos do DBAE, mas mantendo a primazia do trabalho de atelier ao reservar lugar para ele no começo e no fim do Congresso. No início um teórico Elliot Eisner defendeu a importância do fazer artístico e no encerramento um artista, aquele que domina este fazer, seria a vedete. Infelizmente Chuck Close teve um problema de saúde dias antes, que o deixou parcialmente paralítico e não pode comparecer.

Aliás foi a única atividade, palestra ou comunicação que constava do programa a ser cancelada contrastando com o que vemos no Brasil onde as pessoas inscrevem comunicações nos Congressos para ver se dá para aparecer e não aparecem, deixando os organizadores com ar de irresponsáveis.

Ainda há algumas resistências ao DBAE, principalmente no que concerne a separação artificial das áreas de estudo (Produção, História da Arte, Estética e Crítica de Arte) e à transformação destas áreas em meras fórmulas de ver uma obra de arte. A necessidade de análise da obra de arte na qual a história deve ser inserida, não encontrava adversários. Questionava-se que, espécie de História da Arte deveria ser ensinada, quais as obras que deveriam ser escolhidas e criticava-se o padrão Getty por ser um padrão etnocêntrico de valores europeus. Exige-se uma política multicultural para o DBAE. Paul Kravagna de Los Angeles é um dos defensores da multiculturalidade que parece ter sido fortificada neste Congresso com a palestra de Harold Hodgkinson, diretor do Instituto de Política Demográfica. Ele mostrou, entre muitas coisas, a conseqüência para a educação da previsão de que no ano 2010 a população hispânica será a maior de todos os Estados Unidos. Este dado exige a flexibilização de valores culturais na escola porque os hispânicos serão os consumidores de arte mas certamente não da "arte de vocês" disse o conferencista para uma platéia quase exclusivamente de brancos.

Se a flexibilização de valores não foi a dominante nas pequenas seções pelo menos se fez presente. Phyllis Gluck do Brooklyn College defendeu a apreciação artística, não só da obra única, mas também da obra reprodutível como a fotografia e os posters e nos deu uma aula centrada na temática de guerra na qual analisou não só posters e fotografias mas também obras de Goya e Picasso.

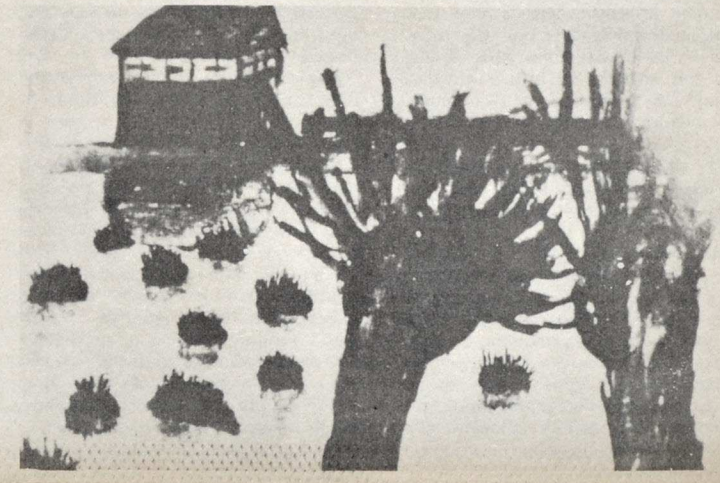
Betty La Duke no almoço internacional analisou obras de obscuras artistas mulheres do 3º mundo como Mailou Jones, Mine Okob, Pablito Velasco, Helen Hardin, num protesto contra a exclusão de suas imagens das salas de aula. No próximo ano, o Congresso em Kansas certamente terá a multiculturalidade no palco. Um dos mais influentes arte-educadores do Estado é Larry Kantner, um multiculturalista, ex-diretor da revista Journal of Multi-Cultural and Cross Cultural Research in Art-Education atual diretor da divisão de Educação Superior da NAEA.

Procurei seguir as seções sobre Arte-Educação em Museus e sobre os métodos de desenvolvimento da Crítica de Arte e da Estética. Neste campo o staff da Getty Foundation é mesmo o melhor.

Assisti a uma aula de Ron Silverman (Getty) sobre Modigliani na qual procurou articular Crítica, Estética e História da Arte competentemente. Uma das obras analisadas foi o Auto-Retrato do artista que pertence à coleção do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Causei surpresa quando disse que o quadro estava no Brasil, fato que até o conferencista desconhecia.

Outra comunicação, de Vitold Kobisz sobre Post Modern Theories and Curriculum Structure in Art defendia a proposta de Feldman para a crítica de arte que deve se fazer em 4 etapas:

1ª descrição
2ª interpretação
3ª análise
4ª avaliação



Este apego a estruturação da apreciação é escolarizante e cansativo como pude comprovar num workshop, do qual participei na Phillips Collection (patrocinado pelo Congresso).

A Phillips Collection foi o primeiro museu norte-americano de arte moderna. Trata-se inicialmente da coleção de Duncan Phillips e sua mulher, a pintora Marjorie Phillips que a abriram ao público em 1921. O crescimento da coleção é invejável e recentemente a Kresge Foundation doou US$ 750.000 para renovação de uma das alas do prédio.

A professora que orientou o workshop sobre "aesthetic scaning" não pertencia ao staff do museu e parecia só saber lidar com a apreciação de uma única obra da coleção o "Returning from school after the storm" (1939) de Chaim Soutine. Sua orientação se limitava a fazer perguntas. Dizia: "Vamos examinar primeiro as propriedades sensoriais da obra". Não nos deixou ver o nome do artista, nem da obra. Que espécie de linhas vocês vêm? São retas, curvas, quebradas, finas, grossas, longas, ou curtas? Que formas o artista usou? São formas geométricas (círculos, quadrados, triângulos, etc) ou formas orgânicas?

Neste ponto comentei que as formas triangulares convergiam para um ponto de encontro que centrava a atenção no quadro.

Ela então me respondeu — "Isto já são as propriedades formais, os princípios do desenho que devem ser analisados depois". Então continuamos com as propriedades sensoriais ou elementos de arte: Que cores vocês vêem? São escuras, médias, claras? Que espécie de texturas vocês vêem? Só depois nos foi permitido comentar a maneira pela qual "o artista distribuiu ou arranjou os elementos acima discutidos", isto é, os princípios do desenho que foram explorados através de perguntas como: Que cores, linhas, formas, imagens são repetidas na obra? (repetição) Há um ponto focal ou centro de interesse? Para onde seu olho se dirige? (dominância).

Só então era a vez da minha observação feita anteriormente em tempo não oportuno. Perguntei se não daria informação histórica, porque para mim o fato de saber que aquela obra fora pintada em 39 e de que Soutine era judeu me fazia entender de outra maneira menos literal a fuga da tormenta de duas figuras uma protegendo a outra na obscuridade, representadas no quadro.

Respondeu-me que só o faria se estivesse dando aula de História da Arte, que esta informação atrapalharia o aesthetic scaning. Resposta semelhante me deu um brilhante professor, Terry Barret, que tentou em sua palestra mostrar a diferença entre Crítica, Estética e História da Arte.

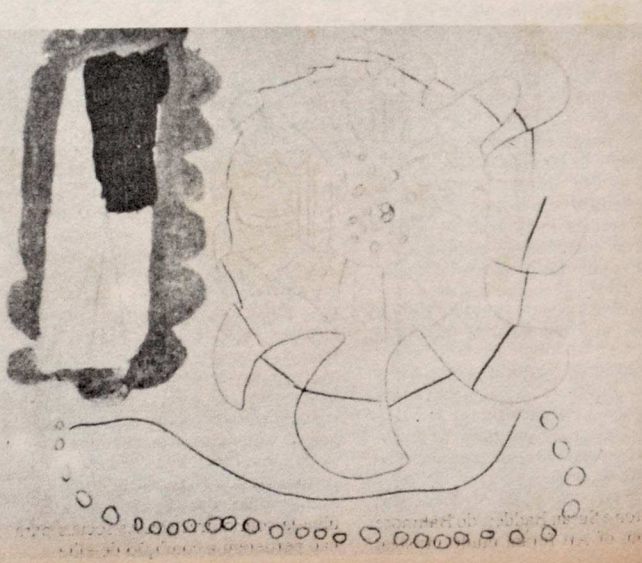
Para ele, crítica é a interpretação da obra e responde a pergunta. Sobre o que é esta obra? É análise interna e externa da obra que deve produzir interpretações aceitáveis. A estética é a meta crítica. Vai além do objeto e responde a perguntas como estas: Devem os críticos influenciar a arte? O que é arte e o que não é arte?

Não deu tempo para explicar o que significava a História da Arte, para ele e só analisou obras figurativas. Havia uma reprodução de Helen Frankenteller e alguém fez a pergunta que ele definia como abordagem crítica: "Sobre que é esta obra"? Respondeu: "Sobre modernismo, a não objetividade". Quando perguntei quem era o artista de uma das reproduções, (Mossa) que não reconheci (os outros eram facilmente identificáveis Hopper, Chagall, Picasso, Franketeller) me respondeu que não precisava mencionar o nome do artista aos alunos. Ficou surpreso com minha discordância a este respeito e eu fiquei surpresa quando respondendo a uma pergunta da platéia disse que quando os alunos chegam a argumentos estéticos que coincidem com os de conhecidos teóricos informa a eles do fato e dá o nome do teórico.

Por que manter o anonimato do produtor da imagem e não do produtor de idéias? Na seção internacional Lois Petrovich — Mwaniki falou sobre a abordagem alemã do DBAE e a posição de Reinhard Pfennig por ela apresentada me pareceu mais experiencial que a norte-americana. Para ele, a tória da Arte, a Estética e a Cr têm que se iniciar no fazer e ch ao fazer percorrendo portanto o seg te processo: fazer, ver, entender, curar, refletir e fazer novamente. rica por ser menos fracionada sem belecer divisões entre História, Cr e Estética foi a leitura de obras fe por Charles Garoian, Diretor do mer Museum da Penn State Univers Ele chegou a fazer comparações mais entre o Último Julgamento de guelangelo e Pollock visualmente tinentes sem categorizar as infor ções. Seu trabalho de análise das ob de arte pretende ser interdisciplinar balhando com estudantes de Ciên Políticas, Engenharia, etc.

Já o trabalho de Marilyn Stewart Universidade de Kutztown (Penn) bre "Estética Filosófica na Sala de la" foi uma espécie de digestão norte mericana de questões estéticas univ sais causando indigestão de pergun para os alunos. Da mesma forma cepcionante foi o trabalho de Cole Welter do Haway na seção de pesqui sobre o "Um estudo de Prefência Es tica". Tanto trabalho para chega conclusão óbvia de que o reconhe mento do nome do artista é fator imp tante para a preferência. Igualmen óbvia, foi a apresentação de Abig Housen no almoço do setor de educ ção em museus. Trata-se de uma esp cialista famosa do Boston Museum Fine Arts que falou sobre Cognição Estética. Foi uma palestra extrem mente bem organizada, com slides q resumiam palavras chaves, cada blo de idéias desenvolvido oralmente pe professora. Começou enfatizando q o entendimento estético cresce com exposição à arte e terminou por diz que quando a criança entende a pintu como parte de uma estória a enten melhor esteticamente. Se isto se tran formar em método vai ser um horro Será o estrangulamento da forma e favor do conteúdo.

Muito interessante foi a mesa redo da sobre Ensino de desenho. Mom



Brooks, defendeu uma aprendizagem fenomenológica e foi brilhante na sua simplicidade. Acaba de publicar um livro sobre desenho de crianças. Já Betty Edwards apenas reiterou sua teoria do dois cérebrais para defender o desenho com a mão esquerda para desenvolver uma expressão sintética, concreta, analógica, não temporal, não racional, espacial, intuitiva, holística, etc.

Competindo em clareza e discurso significativo com Moma Brooks só havia na mesa Marjorie Wilson. Defendeu o ensino do desenho sob a metodologia do DBAE lembrando que é uma metodologia que assusta o arte-educador porque o obriga a se manter conectado com o mundo da arte. Parece um paradoxo porque o arte-educador deveria estar conectado com o mundo da arte porque arte é o que ele ensina, seja qual for a metodologia que use.

Fez uma excelente análise do meio como agente do significado usando a Guernica de Picasso, a Mãe de Kathe Kolwitz e Desastres da Guerra de Goya, chegando a nos convencer de que no caso de Kolwitz a litografia era o meio mais apropriado para a expressão de terror que domina a obra e o preto e branco a cor ideal para o esfacelamento e dilaceramento representado na obra de Picasso.

Assisti a uma apresentação de Stephen Dobbs sobre os programas que o Getty Center for Education in the Arts mantém em dez universidades americanas que preparam durante um ano os alunos de Arte Educação em DBAE antes que comecem a estagiar nas escolas. Entre elas, estão as Universidades de Ohio, Sacramento, North Illinois, Kansas, Nabraska, Oregon, Texas Tec e Indiana. Nesta última Gilbert Clarck mantém um programa em DBAE relacionado com o museu da própria Universidade.

Cada um destes programas tem características diferentes e parecem ser de alta qualidade intelectual, sem reducionismos conceituais.

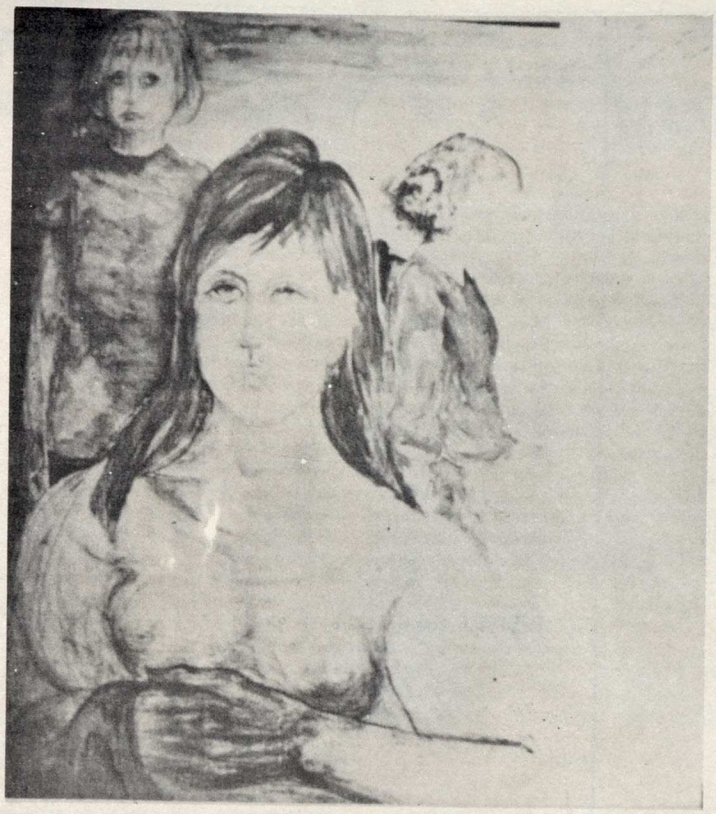
O Setor de Educação em Museus era o maior este ano e o mais agitado.

Em 88, Elliot Eisner e Stephen Dobbs entregaram a Getty Foundation o relatório da pesquisa sobre a situação da Educação nos Museus dos Estados Unidos. Examinaram 20 museus, de médio e grande porte.

Eisner me enviou este relatório que venho insistentemente conduzindo o setor do MAC a ler. A mim me pareceu um documento em defesa dos setores de educação dos museus denunciando a situação de dependência em relação ao setor de curadoria. Não imaginei que a reação dos educadores de museus fosse ser tão raivosa contra o relatório.

No domingo, dia 09 de abril, às 15:00 horas, a seção mais concorrida foi a de museus, especialmente a mesa redonda sobre o relatório de Eisner e Dobbs. Convidado a comparecer à mesa redonda, Eisner se dispôs a ser sabatinado. Dobbs chegou mais tarde depois que apresentou sua comunicação na outra seção.

Sheila Greenspan, da Art Gallery of Ontario e Susan Badder, do Baltmore Museum of Art foram muito incisivas



contra o relatório sem atacar diretamente nenhum de seus pontos.

A fala de Sheila Greenspan continha argumentos tais como: "Obras de arte não precisa de explicação, a obra de arte fala por si mesma". "Arte tem diferentes significados". Por sua própria natureza, a obra de arte é ambígua: "Se entendemos facilmente não é um bom trabalho". "Prefiro falar de obras de arte serem ouvidas do que serem lidas", dizia ela. "Qual a natureza da experiência de museu?" perguntava e logo respondeu: "É uma experiência afetiva mais próxima à intuição". "Conhecimento é prejudicial a este tipo de experiência".

Quando afirmou que o Museu não se interessava em produzir conhecimento, Eisner respondeu muito espontaneamente: "Você tá brincando comigo, não acredito. Você está falando de câmeras de meditação e não de museus".

Seguiu-se uma discussão acalorada de três horas e os participantes estavam tão envolvidos que tivemos de mudar duas vezes de sala e ninguém desistiu pelo caminho.

Os males dos museus americanos foram postos a descoberto. Reclamou-se do exclusivismo da História da Arte nos museus e alguém disse algo com que concordo integralmente: "Não se pode mais falar de museus de arte contemporânea pensando apenas em História da Arte sem dar igual lugar à Antropologia, e outro reclamou que as etiquetas estão ficando tão herméticas que daqui há 20 anos elas falarão somente a Deus porque muitos PhD sabem como usar a informação, mas que não querem partilhá-la com outras classes sociais para não perderem a condição de elite.

A luta entre conservação e comunicação parece ser corriqueira em todos os museus, através do museólogo que quer preservar para ninguém ver. Alguns depoimentos foram muito interessantes. Um dos participantes lembrou que nas pesquisas com público todos dizem que gostam de ter gratuitamente panfletos explicativos sobre as exposições mas somente 0,92% lêem o panfleto enquanto visitam a exposição. Todos põem no bolso e levam para casa. O argumento é de que o público não quer informação, mas souvenir das exposições.

Por fim, depois de muito se falar mal de diretor de museu "os deuses do Olimpo contemporâneo", Eisner lembrou que encontrou sistematicamente informação desproporcional — nas exposições temporárias muita informação, na coleção permanente nada. Foi a gota d'água, alguém embora tentando moderar a agressividade explodiu exigindo um basta na discussão porque não era admissível que pessoas de fora de museu falem sobre as especialidades de museu.

Tive a sensação de volta à Idade Média e a Eisner e Dobbs só restou dizer até logo, o que fizeram com muito elegância. É difícil para mim, acreditar que os arte-educadores de museus, estejam deixando passar a única oportunidade na história do ensino da arte de se tornarem líderes da arte-educação. Eles com seu apego à leitura do objeto, deram uma importância à imagem que só agora a arte-educação pós-moderna, começa a reconhecer. A permissividade da minesis da imagem observada, existente na arte-educação de museus há muito tempo em nome não da criação mas do entendimento da imagem mimetizada, foi o nascedouro do citacismo da arte-educação pós-moderna.

Na realidade foi na prática da educação em museus que surgiu a metodologia que hoje embasa o DBAE. Há muitos anos que o museu ensina História da Arte, como leitura contextual da obra de Arte, Estética e Crítica de Arte.

Os arte-educadores de museu não assumem a liderança do ensino da arte do qual foram pioneiros porque não conseguem se comunicar com especialistas da mesma área que operam fora do museu, porque se fecham numa esquisofrenia museal. Só escutam quem é especialista em museu e querem falar para todos, o público vasto que freqüenta os museus.

A potencialidade cultural dos museus, é enorme se aqueles que neles trabalham, deixarem de querer artificialmente instituir em pré-especialidade científica cada área operacional do museu e passarem a entender que no Museu temos uma colagem de diferentes áreas do conhecimento (design, história da arte, comunicação, artes gráficas, educação, química, física, etc) e que é a operacionalidade conjunta que confere pós-especificidade museal a estas áreas.

A única pré-especificidade de museu, é a museografia, o resto é educação antes de ser educação em museu, é arte-educação antes de arte-educação em museu, é história da arte antes de ser a história das obras do museu etc.

Duas importantes seções do Congresso não mencionadas anteriormente foram o Women's Caucus e o Social Caucus onde se trabalha para tornar explícitos os preconceitos e vencê-los.

A dimensão social da Arte-Educação começa a ganhar terreno nos Estados Unidos e com a entrada triunfante da História da Arte na escola se começa a falar da importância da arte para a consciência de cidadania, algo enfatizado pelos mexicanos logo depois da revolução de 1910. Foi para despertar a consciência de cidadania que instituíram no México as Escuelas al aire libre precursoras do DBAE.

Um personagem banido deste Congresso, foi a criatividade. Não se fala mais de arte para desenvolver a criatividade. O desenvolvimento da criatividade deixou de ser objetivo por ser natureza implícita da produção e compreensão artísticas.

Notas:

1. Broundy, H. S.; — "Arts Education as artistic perception' — in GW Hardinam e T. Zernich (org). **Foundations for Curriculum development and evaluation in Art Education.** Champaign Illinois, Stipes, 1981.
2. **Beyond Creating. The place for Art in America's Schools.** J. Paul Getty Trust, 1985.

Ana Mae Tavares Bastos Barbosa (SP) é arte-educadora e diretora do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

Republicado por incorreções

Wellington Dantas

TRINCA DE SETE DE SEIS DE OITENTA E NOVE

LEM IN the SKY

LION in the sky

- stars in the sky

o pano kai: t
u
d
o

l
e
v
a

a

NARA, é PAUlo pedra
angular

&

a naVE vai
naVE LOuca
naVELÕ o show não pode parar

- All that jaz
ou simplesmente: tudo leva a NARA

Wellington Dantas (RN) é poeta, artista plástico. Não tem livro publicado.

CABALA: A LÓGICA VISIONÁRIA

Eládio Barbosa

A tradição esotérica hebraica da Cabala postula uma visão de mundo ao mesmo tempo mística e intelectualizante. Recorrendo a um processo analógico como metodologia, desenvolve até as últimas conseqüências o princípio — comum também às religiões e filosofias orientais — de que a multiplicidade aparente do Universo encerra uma Unidade Primordial. A analogia estabeleceria o "canal de circulação" da imagem/aparência ao princípio essência, e deste novamente à forma.

Segundo a Cabala, a Unidade criadora subjacente manifesta-se em três planos de existência, os chamados "três mundos". Esses três planos estão presentes em tudo: no Universo, no Homem e na Divindade, bem como em cada componente da realidade objetiva e cada ocorrência do mundo das formas e dos fenômenos. Eles estão inteligível e inelutavelmente presentes numa idéia ou num verme, numa rosa ou num cataclismo, num beijo apaixonado ou num poema esquecido em uma gaveta. A Trindade está, portanto, contida no Princípio Cósmico Primordial e manifesta-se não só na Criação, mas no próprio Criador, fazendo-se presente tanto no Macrocosmo como no Microcosmo.

Analisemos brevemente a constituição e a manifestação desses três planos de existência e de ação, que se articulam numa escala hierárquica: a) um mundo inferior; b) um mundo médio; c) um mundo superior.

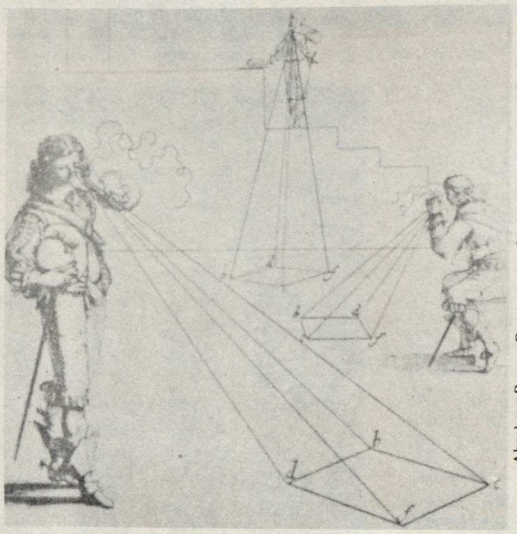
Cada um desses mundos relaciona-se, em cada criatura, com outros dois. Esses são designados pelos mais diversos nomes, conforme o objeto — isto é, a criatura, processo, situação ou ocorrência — considerado; por exemplo, no ser humano o "mundo inferior" é Nephesh, o plano físico, material, corporal; a parte mediana é Rouach, a alma, relacionada ao plano astral/moral; o plano superior é Neshamah, o espírito, relacionado ao mundo divino. Desta forma, os componentes do homem além de interrelacionarem-se continuamente, também se relacionam com os correspondentes componentes do Universo, do Todo.

Esse denso sistema de interrelações talvez possa ser melhor compreendido com o auxílio de um gráfico:

	Localização do Superior
MUNDO SUPERIOR	*Reflexo do Médio*
	Reflexo do Inferior
	Reflexo do Superior
MUNDO MÉDIO	*Localização do Médio*
	Reflexo do Inferior
	Reflexo do Superior
MUNDO INFERIOR	*Reflexo do médio*
	Localização do Inferior

. em outra disposição:

SUPERIOR Localização	*Reflexo do Superior*	*Reflexo do Superior*
Reflexo do Médio	*MÉDIO Localização*	*Reflexo do Médio*
Reflexo do Inferior	*Reflexo do Inferior*	*INFERIOR Localização*



Abraham Bosse, Os expectatodes

Tem-se, assim, uma espécie de representação especular/especulativa da realidade: cada mundo traz dentro de si um reflexo ou uma "imagem" dos outros dois mundos, além de estar ele próprio contido como reflexo/imagem naqueles. Seria como dispor simetricamente três espelhos voltados uns para os outros, de forma a se produzir um jogo interminável de imagens e reflexos, e de reflexos de imagens e reflexos de reflexos, etc. (Esta concepção algo alucinatória do universo não deixa de apresentar analogias com o conceito hinduísta de Maya).

Uma tal visão de mundo (ou de mundos?) será sempre precariamente alcançada pelas palavras. Há nela algo de vertiginoso que ultrapassa a formulação de conceitos discriminativos ou a aposição de rótulos. No entanto, não se deve esquecer que tal concepção da realidade, por mais delirante que possa parecer à primeira vista, pressupõe uma regra geral de estruturação solidamente respaldada no intelecto. Em outras palavras, é possível, a partir do sistema de idéias apresentado, determinar a forma geral das leis que o regem. Essa estrutura terá de ser de caráter unitário e globalizante, isto é, toda e qualquer lei ou princípio da Cabala estará necessariamente nela contido, em coerência com a idéia-chave de que o Uno engloba a multiplicidade aparente do Universo.

Proponho aqui uma representação matemática para tal cosmologia, por considerar que, pelo seu nível de abstração, esta é a forma mais eficaz de explicitar o racionalismo subjacente à Cabala.

Chamemos de Y uma lei qualquer da Cabala; esta lei é necessariamente composta de três termos (X_1, X_2 e X_3), cada um deles referente a um dos três mundos:

$$Y=F(X_1, X_2 \text{ e } X_3) \quad (1)$$

Por sua vez, cada um destes três termos é composto por três elementos:

a) o elemento "de localização", ou seja, referente ao "mundo" expresso pelo próprio termo; vamos chamá-lo desta forma: X_{11} (para o mundo inferior), X_{22} (mundo médio) e X_{33} (mundo superior);

b) os outros dois elementos "de reflexo", correspondentes aos reflexos dos outros dois "mundos" no "mundo" considerado; vamos designá-los assim: X_{12} (reflexo de X_2 em X_1), X_{13} (reflexo de X_3 em X_1), etc.

Assim:

$X_1=f_1(X_{11}, X_{12}, X_{13})$
$X_2=f_2(X_{21}, X_{22}, X_{23})$
X_3 $f_3(X_{31}, X_{32}, X_{33})$

Substituindo estes valores na equação (1), temos:

$Y=F'(X_{11} X_{12} X_{13}, X_{21} X_{22} X_{23}, X_{31} X_{32} X_{33})$

Como cada mundo relaciona-se com os outros dois, temos também:

$X_1=f_1'(X_2, X_3)=f_1'(X_{21} X_{22} X_{23}, X_{31} X_{32} X_{33})$

$X_2=f_2'(X_1, X_3)=f_2'(X_{11} X_{12} X_{13}, X_{31} X_{32} X_{33})$

$X_3=f_3'(X_1, X_2)=f_3'(X_{11} X_{12} X_{13}, X_{21} X_{22} X_{23})$

Eládio Barbosa (RN) é escritor, crítico de arte, professor do Departamento de Educação da UFRN.

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO: 25 ANOS DE HISTÓRIA (1963-1988)

Tarcísio Rosas

Este é o título de uma pesquisa, em fase de conclusão, desenvolvida pelo CEPEJUL — Centro de Estudos e Pesquisa Social Juvenal Lamartine, da Fundação José Augusto. Pretendemos refazer, o mais fielmente possível, a trajetória do Órgão ao longo daquele período, num trabalho que passa ao largo de qualquer simulacro de "canto de exaltação" — não é este o sentido. Um documentário, talvez; uma avaliação, não mais que isso.

Iniciamos, evidentemente, com o seu caráter de instituição de ensino, que perdura até fins de 1975. Mas vários dos segmentos hoje explorados já o eram de longa data, como as áreas da pesquisa, editoração e biblioteca, a mais recente destas com, pelo menos, vinte anos de atividades. Depois, surgiram a restauração, a documentação cultural, o museu, o folclore, o teatro e a música, afora o complexo de exposições e concursos de artes plásticas e literatura e a ação de estruturas suplementares (Escolinha de Arte Cândido Portinari, Oficina de Gravuras Rossine Pérez, Conselho Editorial, Gráfica Manimbu, Centro de Recursos Humanos, etc.), todas se engajando ao esforço comum de viabilizar e executar uma política cultural no Estado.

Assim, depois de 25 anos promovendo e preservando (e ou tentando fazê-lo) a memória de nossas tradições, findou por criar raízes, tornando-se num equipamento orgânico da cidade. Como preservar sem se preservar, como guardar a memória dos fatos, os mais díspares, sem reter a memória de si mesmo? Este, um dos objetivos deste estudo retrospectivo.

Não tem sido um trabalho fácil. Iniciado em fins de 1988, só agora se aproxima do seu desfecho. Nesse meio tempo, vasculhamos nossos arquivos, levantamos ocorrências, registramos datas e fatos, reconstituímos acontecimentos, conversamos com outros funcionários e entrevistamos ex-presidentes. Verificamos cada dado e cada informação conseguidos e os analisamos. Mas não temos a pretensão de haver esvaziado o assunto. São centenas de notas para dezenas de acontecimentos. É um quarto de século de momentos, muitos deles extremamente dinâmicos, às vezes fugazes.

Interessante notar que, por acréscimo, este estudo apresenta algumas peculiaridades no mínimo curiosas. Compulsando registros dos primeiros tempos, forçou-nos a um mergulho no passado da organização; no contato com os ex-dirigentes, pinçamos abordagens inéditas sobre o assunto; nas conversas (formais e informais) com outros funcionários, enriquecemos nosso trabalho. No conjunto, unindo passado e presente da Instituição, na observação de pontos-de-vista tão extremados, eis que produzimos um relatório potencialmente capaz de instigar o leitor a uma reflexão sobre os rumos da política cultural norte-rio-grandense.

Sem dúvida, mais adiante a Fundação deverá rever estes escritos. Aprofundá-los, acrescer-lhe informações, analisar particularidades dos principais acontecimentos. Seria interessante, a propósito, que outras Entidades congêneres rebuscassem seus arquivos, de sorte a trazer a luz documentos similares. Teríamos, então, não apenas a história da Fundação José Augusto mas, sim, um amplo documentário da vida cultural-institucional no Rio Grande do Norte.

Não seria, então, um significativo passo na busca da preservação da memória cultural da comunidade?

Emerson Amaral

PRÉDIO SEDE DA FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO

Tarcísio Rosas (RN) é sociólogo, diretor do Centro de Pesquisa Juvenal Lamartine, da Fundação José Augusto.

Cartas dos leitores

BOA ÁGUA

Tenho recebido regularmente este Galo danado de bom aí feito em Natal com sabor de brisas leves entrando pelo Potengi e diluindo-se sobre o casario agachado ladeira acima onde Cascudo encontrou um canto de muro propício à pesquisa de suas formigas, lacráias e outros bichinhos aos quais deu personalidade. Mas vamos ao que mais quero dizer qual seja o que me enche o peito de um gosto bom, sem defeito, quando minhas mãos saboreiam a leitura de O GALO e os meus olhos, sem modéstia, riem por dentro, porque um calor novo acende o meu coração. É por demais de bom acontecer deste jeito uma leitura que deixa a gente com mais sede cada vez mais que o pote se esvazia de água fluindo de cada coluna, dos títulos, das vinhetas, de tudo que ali escorre com um ritmo espontâneo, coisa vinda com soberba sustância, mel tirado no ponto de gamelas onde nem cistal poderia ser urdido. Galão macho, cobra criada sem benzedura, rezas outras, sem exorcismos, nada que não seja talento, bastante coragem, destemor, faz um galo assim na vera fala, no capricho do cabeça chata sempre abrindo caminhos às apragatas moendo o chão duro guiado o bom instinto de cabra-da-peste insatisfeito e resoluto.

Assim pois como sou e sinto exponho ligeiro o que passei a dever sem ter como pagar o tanto que me cativa merecer ouvir o canto de um galo tão bem nutrido como deste terreiro natalense.

Barboza Leite
Duque de Caxias/RJ

INTERESSE PERMANENTE

Tenho recebido regularmente esse excelente jornal, que muito me agrada ler e guardar. Além do título feliz, ele divulga matéria de interesse permanente. É um esforço que deve ser amparado.

Com a esperança de que continuem editando O GALO (galo de São Pedro, do poeta Schimidt e, sobretudo, de Natal) para proveito de todos nós, aqui fica o nordestino admirador e amigo.

Edson Nery da Fonseca
Assessor-Adjunto do Presidente da República
Brasília/DF

RAIMUNDO NUNES ESCREVE

Prezada poeta conterrânea Marize Castro.

Há muito tempo venho tentando encontrá-la pelos caminhos literários. Dois ou três anos atrás, depois de ler sua entrevista vibrante em "DOIS PONTOS", escrevi ao amigo Marcos Aurélio, solicitando as providências para que me fosse enviado seu livro de poemas Marrons Crepons Marfins pelo reembolso postal ou coisa equivalente, porém ele não atendeu. Nos últimos anos, passo prolongado período de temporada praieira, em Pirangi do Norte, onde temos uma casa, em média de 4/5 meses anuais, de janeiro a abril. Mesmo assim, não tive melhor ensejo para o desejado encontro insistido por interferência do prezado companheiro Jurandyr Navarro, que continua me privilegiando com a remessa de O GALO. Neste exemplar de junho, ao lado de outras expressivas manifestações, incluindo "As praias" excelentes descritivas paisagísticas, ecológicas e regionais do Jurandyr, encontramos o perfil do Mestre Vitalino e o poema — O Amor Físico, da poeta maior, numa explosiva liberação de forças interiores, cantando em prosa e verso os mecanismos das crispações do orgasmo, como o detonador sensual do amor — o único ato biológico que pode ser praticado a dois. Poema talássico com todos os ingredientes da cupidez morena, com todas características do erotismo autêntico, quando são consultados e obedecidos somente os impulsos do instinto genético, dispensado regras de aprendizado e ignorando os convencionalismos da moral fabricada. Quem tem disponibilidades para uma poesia desta densidade emocional e participativa, já pode assumir, sem precisar de votos ou eleições, a postura de talento e criatividade cingindo a cabeça do Poeta maior.

Agora, outro assunto. Estou remetendo incluso, este comentário da Profª e escritora mineira, Alaíde Lisboa de Oliveira, envolvendo o livro, PEDRO NAVA-MEMÓRIA, de minha autoria. Ficaria agradecido e honrado se conseguisse espaço nas páginas d'O Galo, sob seu competente comando editorial. Lembraria que foram publicadas, em número anterior, setor de livros e escritores, apreciações apáticas, pouco estimulantes e neutras, não condizentes, segundo opiniões de amigos do ramo, sobretudo de Natal, com as repercussões (sem falsa modéstia), nacionais alcançadas pelo livro. Não desejaria ver repetidas as palavras da escritura — "não há profeta em sua terra", não entendendo, sequer, me conformando que um órgão como O Galo, cujo canto se difunde, contagia e encanta em todos os meridianos da inteligência nacional, deixe de prestigiar o trabalho de um conterrâneo permanentemente vinculado às raízes telúricas, tanto nos mistérios das saudades, quanto na seqüência das estimas e na persistência das atividades culturais, todas embutidas no compromisso potiguar-nordestino.

Este exemplar anexo da obra também servirá para sua avaliação isenta, sem prejuízo das valiosas apreciações que poderão ser publicadas, mesmo sem preocupação de natureza técnica, que deverá ser substituída pela intuição da brandura feminina a serviço da sensibilidade poética.

Aguardo até com ansiedade, o privilégio de sua resposta, na esperança de que venha acompanhada do seu livro de poemas, há tanto tempo ambicionado.

Atenciosa e cordialmente, o patrício e admirador:

Raimundo Nunes
Escritor
São Paulo/SP

RARIDADE AUTÊNTICA

Prezada Marize Castro, acabo de receber, por intermédio do Floriano Martins, o nº 16 de "O Galo", contendo entrevista resultante do nosso trabalho comum.

Floriano já me havia falado desta publicação com inegável entusiasmo, e agora comprova que ele é inteiramente justificado.

Plural, não-faccioso, refletindo cuidadosa seleção editorial, em verdade estou muito feliz em ter nele figurado.

Ademais, minha entrevista, excelentemente diagramada e de incriticável programação visual, usando tipos claros e deixando respirar em espaço adequado, contém a **raridade autêntica** de não registrar erros de revisão, empastelamento gráfico. Não registrei um erro sequer.

Pretendo enviar exemplares de "O GALO" a alguns amigos escritores e ouso pedir-lhe que me envie alguns números para que possa fazê-lo. São pessoas de alto nível e que por certo, assim como eu, se entusiasmarão com sua leitura, neste duro tempo de paralisia e desânimo que se nota aqui no antigo "eixo cultural Rio x São Paulo".

Como não sou conhecido, publicando mais aqui nos suplementos literários do centro, e face aos conceitos emitidos na entrevista, alguns deles — reconheço — bastante polêmicos, julguei adequado que pudesse ser conhecido como poeta que é o que basicamente sou, pelos leitores de "O GALO".

Portanto, tomo a liberdade de enviar-lhe um de meus últimos poemas, no pressuposto de que a publicação da entrevista gerou laços fraternos de colaboração e trabalho em conjunto. Peço que o examine com a isenção com que é mandado.

À espera da oportunidade de receber alguns números do Jornal e divulgar ainda mais o autêntico "oásis" que representa o jornalismo literário de nosso pobre Brasil de hoje, reitero-lhe meu muito obrigado e coloco-me ao seu dispor.

Receba o abraço amigo de seu novo admirador.

Sérgio Campos
Poeta
Nova Friburgo/RJ

FORMA DEMOCRÁTICA

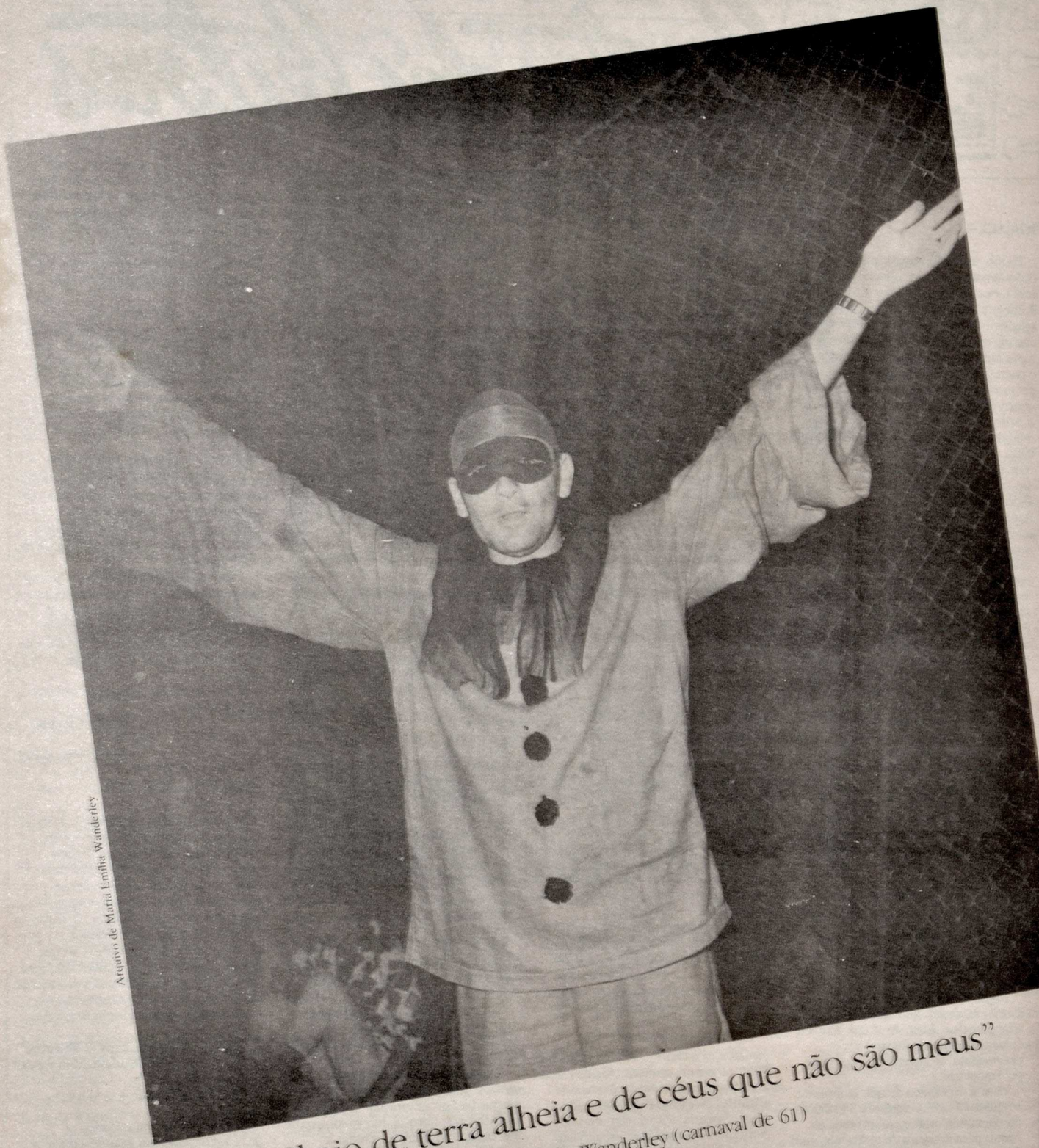
Venho agradecer pela publicação de dois poemas na edição de fevereiro, que recebi no mês passado, estou enviando mais algum material para uma possível publicação e, nesta expectativa quero elogiar a seleção criteriosa de colaboradores. O Jornal O GALO possui um excelente projeto gráfico e alto valor literário, no que desejo a sua projeção a nível nacional e internacional pela forma democrática que atende o produtor cultural, reafirmo-lhe a minha melhor estima.

José Rubens R. Shirassu
Pres. Prudente/São Paulo

ESPONTANEIDADE

O GALO continua ótimo, proporcionando um grande espaço a literatura brasileira. Na sua espontaneidade nos mostra o talento dos poetas e escritores brasileiros.

Osael de Carvalho
Rio de Janeiro/RJ



Arquivo de Maria Emília Wanderley

"Cheio de terra alheia e de céus que não são meus"

Berilo Wanderley (carnaval de 61)